Maria Alice da Silva e Sousa, Professora do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa.

Maria das Dores Urquia Rodrigues Tocha, Professora do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa.

Maximiano Ribeiro, Médico, Oliveirinha, Beira Alta.

UTRICULARIA SUBULATA L. NA FLORA PORTUGUESA

por

A. FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

EM 16 de Julho de 1947, o colector do Instituto Botânico, Sr. Júlio de Matos, encontrou em Françosa, próximo de Liceia (Matas de Foja), uma espécie de *Utricularia* que, submetida à apreciação do auxiliar de naturalista do mesmo Instituto, Sr. Francisco de Sousa, foi por este considerada diferente das duas outras espécies registadas na Flora de Portugal de Pereira Coutinho e no Manual da Flora Portugueza de Gonçalo Sampaio. Tendo-nos sido chamada a atenção para o caso, verificámos que, na realidade, se tratava da espécie *U. subulata* L., não conhecida ainda na flora portuguesa. Dado o facto de o material colhido se ter revelado insuficiente, deslocámo-nos a Liceia, na companhia do auxiliar de naturalista e do colector, e aí tivemos ensejo de fazer uma cuidadosa herborização e de estudar as condições ecológicas em que a planta vive. Apresentamos aqui os resultados dos estudos efectuados.

MORFOLOGIA E TAXONOMIA

Utricularia subulata L. Sp. Pl. Ed. I (1753) 18; DC. Prodr. Syst. Nat. Regni Veg. VIII (1844) 16; Benj. in Mart. Fl. Bras. X (1847) 243; Oliv. in Journ. Linn. Soc. (Bot.) IX (1867) 148; Hiern in Cat. Afr. Pl. Welw. I (1900) 786; Kam. in Engl. Jahrb. XXIII (1904) 105; Stapf in Fl. Trop. Afr. IV (1906) 485; Sylvén in Ark. f. Bot. VIII (1909) 17; Hoehne et Kuhlmann in Mem. Inst. Butantan I (1918) 19; Hutchinson et Dalziel Fl. West.

Trop. Afr. II (1931) 234; Stahl Fl. Puerto Rico, Ed. II, III (1936) 325.

U. setacea Michx. Fl. Bor. Am. I (1803) 12. — *Setiscapella subulata* (L.) Barnhart in Britton et Brown Ill. Fl. N. States and Canada, Ed. II, III (1943) 231.

U. solo adfixa, perennis, stolonifera, 3-20 cm. alta. Stolones subterranei, horizontales, in pseudo-verticilla basi scaporum dispositi, filiformes, albidi, parce utriculiferi, foliati. Folia alterna, basi trilaciniata; laciniae laterales capillares, radiciformes, utriculiferae; lacinia mediana erecta, 15-20 mm. longa, inferne petiolo 10-15 mm. longo, subterraneo, filiformi, albido, utriculifero, simplici, vel interdum ramoso, attenuata, superne in 1 (raro 2) laminam supraterrraneam, viridem, linear-subspathulatam, 3-5 mm. longam et ca. 0,5 mm. latam, dilatata. Utriculi plurimi, minuti, longe stipitati, sub-rotundi, ostio longe biantennato, in altum verso. Scapus 2-8 (raro 1-)-florus, tenuis, ramis brevibus radiciformibus basi instructus, rubescens, erectus, simplex vel raro ramosus, 3-20 cm. altus, nodis inferioribus unisquamosis, squamis minutis, adpressis, medio-fixis, scariosis; bracteae solitariae, medio-fixae, ovato-lanceolatae, basi soluta subamplectenti, ca. 1 mm. longae; pedicelli capillares, alterni, erecti, remoti, 3-7 mm. longi. Flores lutei, horizontales, 8-9 mm. longi. Sepalae virido-rubescentes, inaequales, nervosae, accrescentes, inferior longior, ovata, obtusa, superior orbiculata, truncata. Corolla bilabiata, personata; labium superius cordi-reniforme, apiculatum, margine revolutum, 4,5 mm. latum et 4 mm. altum; labium inferius maius, ca. 5,5 mm. longum et ca. 7 mm. latum, trilobatum, lobulis obtusis, inaequalibus, mediano longiore, integro vel denticulato; palatum magis luteum, valde elevatum, bilobatum; calcar horizontale, rectum, conicum, valde latum, ca. 5,5 mm. longum, labium inferius aequans vel paulo superans, lobulo mediano adpressum, a medio usque ad apicem rubescens. Filamenta crassa, arcuata, acutiuscula, antheris lateri insertis, approximatis. Ovarium ovatum; stigma sub-unilabiatum, labio inferiore plano, sub-rotundato. Capsula globosa,

ca. 2 mm. diam. Semina plurima, minuta inaequaliter prismatica, longitudinaler striata. (V. v.).

Habitat in sabulosis palustribus loco dicto *Françosa* pr. *Liceia (Matas de Foja)*.

Fl. et fr.: Jun.-Sept.

Leg. *Sousa* et *Matos, s. n.*, 21-7-947.

U. subulata L. var. *tridenticulata* nob. n. var.

Differt a praeced. apice calcaris tridenticulato, denticulo mediano conico, longiore et latiore. (V. v.).

Ic. nostr. t. I.

Habitat in eodem loco ubi praecedens.

Fl. et fr. Jun.-Sept.

Typus in Herbario Instituti Botanici Universitatis Conimbrigensis (leg. *Sousa* et *Matos, s. n.*, 21-7-947).

A colheita de *U. subulata* L., assim como a das outras espécies terrestres do género, apresenta dificuldades, pelo facto de a parte vegetativa subterrânea ser extremamente ténue e frágil, separando-se com muita facilidade das partes aéreas. Desta maneira, os colectores recolhem em geral os escapos florais, deixando no solo estolhos e folhas. Acontece ainda que a parte vegetativa, sendo constituída por um emaranhado de estolhos ténues e lacínias foliares radiciformes muito finas e frágeis, entrelaçados com as raízes de outras plantas, é muito difícil de preparar, explicando-se, assim, que esta espécie se encontre representada nos herbários quase ùnicamente pelos escapos florais. Deste modo, a morfologia da parte subterrânea é relativamente mal conhecida, fazendo-lhe alguns autores só ligeiras referências. Assim, Michaux *(loc. cit.)*, diz «U. minuta, aphylla»; De Candolle *(loc. cit.)* refere «foliis paucis petiolatis linearibus inter radices fibrillosas parce vesiculiferas»; Hiern *(loc. cit.)* menciona «leaves radical, spathulate-lingulate, greatly attenuate at the base»; Hutchinson et Dalziel *(loc. cit.)* indicam «leaves linear-lanceolate»; Stahl *(loc. cit.)* diz «yerba cespedosa, sin hojas»; e Sylvén *(loc. cit.)* descreve «*Utricularia* radicibus fibrosis, parce ampulliferis, ampullis minutis; foliis paucis, petiolatis, linearibus, circ 8 mm. longis».

Outros autores, porém, apresentam descrições mais pormenorizadas. Assim, HOEHNE e KUHLMANN *(loc. cit.)* apontam «rizoma horizontal, irradiando da base da inflorescência, radicífero e folígero: fôlhas utriculígeras; fôlhas muito estreitas qáusi espatulares, de 10-12 mm. de comp.; utrículos esparsos com prolongamentos ciliados ante a fauce, estipitados». STAPF *(loc. cit.)*, finalmente, diz «Stolons in pseudo-whorls from the base of the scape, descending, stiff and somewhat thickened at the base, then filiform to very finely capillary and flexuous, from a few to 9 lin. long, branched; branches short, finely capillary with one or several branchlets; branchlets frequently replaced by bladders. Leaves in small rosettes at the base of the scapes (below the stolons), with a narrow linear-lanceolate blade, up to 2 1/2 lin. long and 1/4 lin. broad and a filiform petiole of the same length, or more or less filiform. Bladders on the stolons, rarely on the leaves, ovoid, 1/6-1/4 lin. long, mouth small, oblique, subopposite to the stalk, with a pair of staghorn-shaped antenæ».

Vê-se, pois, que só HOEHNE e KUHLMANN, por um lado, e STAPF, por outro, fazem referência aos estolhos e apresentam descrições mais pormenorizadas das folhas. STAPF, porém, diz que as folhas formam pequenas rosetas na base dos pedúnculos florais. Nas plantas por nós examinadas, não acontecia assim, pois que na base dos escapos existia geralmente uma só folha e as outras encontravam-se dispostas sobre os estolhos, como acontece nas plantas estudadas por HOEHNE e KUHLMANN *(loc. cit.*, fig. 2 *a*, est. II). No entanto, as lacínias foliares figuradas pelos últimos autores afastam-se um tanto das do nosso naterial, visto aquelas não apresentarem uma tão nítida distinção entre pecíolo e limbo e este ser relativamente mais comprido e estreitar para o ápice.

STAPF diz ainda que os utrículos se encontram sobre os estolhos e raramente sobre as folhas. Nas plantas que examinámos, existe, por assim dizer, uma disposição inversa, pois que os utrículos aparecem particularmente inseridos nas lacínias radiciformes e no pecíolo da lacínia foliácea, e, com muito menos abundância, nos estolhos.

Sob este ponto de vista, também as nossas plantas se aproximam da figurada por HOEHNE e KUHLMANN.

Relativamente às partes aéreas, muito mais fáceis de observar, também se notam divergências entre os autores.

Assim, no que respeita ao comprimento da corola, SYLVÉN, STAPF e HUTCHINSON e DALZIEL indicam 5 mm., enquanto que STAHL aponta 10 mm. e BARNHART 6-12 mm. Nas plantas por nós examinadas, verificámos que o comprimento da corola era muito constante, sendo o seu valor de 8-9 mm.

DE CANDOLLE, SYLVÉN, STAPF, HOEHNE e KUHLMANN e BARNHART descrevem o lábio superior como ovado. STAHL define-o como «acorazonado reniforme», sendo também esta a forma que encontrámos nas plantas de Françosa.

O lábio inferior é descrito por quase todos os autores como nìtidamente trilobado. HOEHNE e KUHLMANN, porém, descrevem-no e figuram-no como indistintamente trilobado. No nosso material, era, em todas as plantas, nìtidamente trilobado.

DE CANDOLLE descreve o esporão como oblongo, agudo; SYLVÉN como recto, cónico e agudo; STAPF como cónico a cilíndrico, muito largo e obtuso; HOEHNE e KUHLMANN como abruptamente acuminado no ápice, terminando em ponta obtusa; BARNHART como achatado-cónico, obtuso, mas de contorno agudo quando visto de lado; e STAHL como tendo a forma cónica, aguda, com a ponta vermelha. No material colhido em Françosa, encontrámos plantas de dois tipos: umas, com o esporão largamente cónico e de ápice inteiro, e, outras, com o esporão tridenticulado no ápice. Com estas últimas, constituímos a variedade *tridenticulata*, atrás descrita. STAHL é o único que aponta o carácter de o esporão ter a ponta vermelha. Esse carácter também era muito aparente no nosso material.

STAPF descreve as sementes como globoso-elipsoides, enquanto que BARNHART as indica como prismáticas reticuladas. O último carácter foi por nós verificado no material que estudámos.

As divergências apontadas revelam que *U. subulata* L. é, provàvelmente, um tanto variável, o que não é de

admirar em uma espécie que possui uma larga distribuição geográfica. Dada esta variabilidade, e a falta de conhecimentos precisos sobre as partes subterrâneas, resolvemos apresentar a descrição latina da espécie, feita sobre o material colhido em Françosa (1).

ECOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Em Portugal, *U. subulata* L. foi herborizada até esta data sòmente em Françosa, pr. Liceia, nas matas de Foja. Aí foi encontrada, vivendo em uma pequena turfeira existente em uma clareira do pinhal (fig. 1), no topo de um talude, cuja vertente conduz a um regato que margina os campos de cultura de arroz. No terreno arenoso e encharcado, que ressumbrava água, o pinheiro vegeta mal e a clareira encontrava-se, em Julho, coberta por uma vegetação herbácea, constituída principalmente por *Rhynchospora glauca* Vahl (dominante), *Sphagnum* sp., *Heleocharis multicaulis* Sm., *Potentilla erecta* (L.) Hampe, *Anagallis tenella* L., *Hypericum Helodes* L., *Molinia coerulea* (L.) Moench, *Juncus acutiflorus* Ehrh., *Utricularia subulata* L., *Drosera intermedia* Hayne e *Pinguicula lusitanica* L. Nesta vegetação herbácea, sobressaiam alguns arbustos, entre os quais *Erica Tetralix* L., *E. ciliaris* L. e *Ulex nanus* Forster (fig. 2).

O solo encontrava-se completamente atapetado por *Sphagnum* sp., cujas partes inferiores mortas formavam uma massa mucilaginosa acastanhada, na qual se insinuavam os estolhos, as lacínias radiciformes e os pecíolos das lacínias foliares de *U. subulata* L. Os utrículos, muito abundantes nessas partes, devem encontrar na massa mucilaginosa uma abundante fauna, que a planta capturará, digerindo-a e compensando, assim, a deficiência em sais de azoto do terreno em que vive.

U. subulata L. tem uma vastíssima distribuição geográfica, encontrando-se nos solos arenoso-pantanosos da

(1) Agradecemos, reconhecidamente, ao Ex.mo Sr. P.e MANUEL PÓVOA DOS REIS, ilustre professor do Seminário de Coimbra, o valioso auxílio que nos prestou na elaboração desta descrição.

América do Norte (Canadá, de Nantucket à Florida, Arkansas e Texas), de Puerto Rico, do Brasil (Minas Gerais, Mato Grosso, Baía e Rio de Janeiro), do Perú,

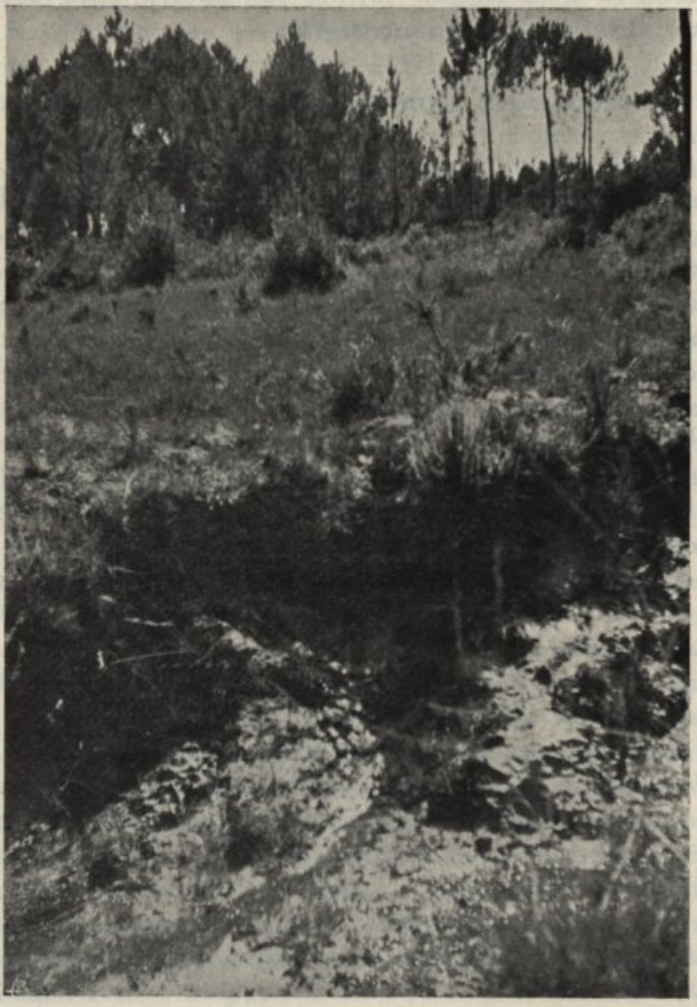


Fig. 1. — A clareira no pinhal de Françosa, pr. Liceia, onde foi herborizada *Utricularia subulata* L.

da África (Sudão Francês, Guiné Francesa, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Nigéria, Egipto, Congo, Angola, Sudoeste Africano e Moçambique) e das Índias Ocidentais.

U. subulata L. encontra-se em Portugal, vivendo em condições idênticas àquelas em que vegeta nos outros países. O facto de a espécie se mostrar perfeitamente adaptada às condições do nosso país e a circunstância de a clareira do pinhal em que foi encontrada dar a impressão de ser um local onde a acção do homem pouco se terá exercido, parecem autorizar a concluir que a espécie é espontânea em Portugal. O facto, porém, de ela se encon-

Fig. 2. — Vegetação da clareira do pinhal, de que faz parte *Utricularia subulata* L.

trar associada com *Rhynchospora glauca* Vahl, que é uma planta originária da América e da Austrália e largamente espalhada pela África (Pereira Coutinho, Flora de Portugal, Ed. II, 1939), parece, pelo contrário, indicar que *U. subulata* L. não será autóctone do nosso país, mas sim subespontânea. A favor da subespontaneidade, milita ainda o facto de a planta habitar a vizinhança dos arrozais. Efectivamente, Portugal tem importado e importa semente de arroz, podendo, portanto, a planta ter sido introduzida por esta via. Deste modo, *Utricularia subulata* L. ter-se-ia instalado primeiro nos campos de arroz e depois teria passado para os terrenos pantanosos dos pinhais

que marginam esses campos, onde, devido à falta de culturas, teria conseguido sobreviver mais fàcilmente.

Durante a visita que fizemos a Liceia, a falta de tempo não nos permitiu explorar uma grande área de pinhal, nem os campos de arroz. Impõe-se, pois, uma exploração mais demorada, com o fim de esclarecer melhor o problema da área ocupada por esta espécie em Portugal.

Rhynchospora glauca Vahl encontra-se no nosso país não só nas Matas de Foja (*vide* TABORDA DE MORAIS *in Bol. Soc. Broteriana* XIV, 2.ª sér., 1940, p. 113), mas também nas margens do Douro e nos arredores de Setúbal. Dado o facto de *U. subulata* L. existir em Françosa associada com aquela Ciperácea, seria interessante explorar essas regiões, com o objectivo de verificar se nelas também existe ou não a espécie de que nos estamos ocupando. Se se verificasse o primeiro caso, poderíamos supor, com fundamento, que as duas plantas teriam tido a mesma proveniência.

* * *

Herborizando ainda nas Matas de Foja, próximo de Santana Ferreira, o colector do Instituto teve também o ensejo de colher *U. exoleta* R. Br. Esta espécie tem sido encontrada (*vide* FERNANDES *in Anuário Soc. Broteriana*, Ano VIII, 1942, pp. 20 e 21) no Ribatejo (Vala de Alqueidão e Azambuja), na Estremadura (Setúbal, Vale do Zebro e Corroios) e na Beira Litoral (Vila Nova de Ourém e Pinhal do Urso), mas a sua presença não tinha sido ainda assinalada ao Norte do Mondego. Deste modo, Santana Ferreira constitui uma nova localidade, por enquanto a única conhecida ao Norte daquele rio.

* * *

Dado o facto de se ter encontrado *U. subulata* L. em Françosa, pelo menos como planta subespontânea, esta espécie deverá ser incluída na flora de Portugal. Para se fazer esta inclusão na obra de PEREIRA COUTINHO, a chave do género *Utricularia* poderia passar a ser a seguinte:

1. Pedúnculos robustos, de 20-30 cm., com três a doze flores grandes (15-20 mm.); folhas majúsculas, com os segmentos visìvelmente serrilhado-espinulosos; pedicelos frutíferos recurvados; corola amarela riscada de cor de laranja com o lábio superior do tamanho do palato ou pouco maior e o esporão descendente; anteras primeiro livres, depois aderentes . . . . . **U. vulgaris** L.

   Corola amarela riscada de vermelho, com o lábio superior 1,5-2 vezes maior que o palato e o esporão ascendente; anteras sempre livres. *Jun.-Set. Pauis, valas: do Douro ao Alent. lit.* b. *major* (Schmidel)

   Pedúnculos capilares de 2-20 cm.; folhas minúsculas; corola amarela com o esporão horizontal . . 2

2. Planta aquática submersa; pedúnculos capilares, de 2-5 cm., com uma a quatro flores muito pequenas (cerca de 5 mm.); folhas minúsculas, com os segmentos inteiros; corola amarela, com os lábios subiguais e o esporão horizontal; pedicelos frutíferos erectos; sementes providas de uma asa membranosa irregular. *Jun.-Set. Valas, pântanos: Beira, Estrem., Alent. lit.* . . . **U. exoleta** R. Br.

   Planta terrestre; pedúnculos capilares, de 3-20 cm., com duas a oito flores medíocres (8-9 mm.); folhas minúsculas, dispostas alternadamente sobre estolhos subterrâneos capilares, trilaciniadas na base, com as lacínias laterais radiciformes e utriculíferas, e a mediana inferiormente atenuada em pecíolo filiforme subterrâneo, e superiormente dilatada em limbo aéreo linear-subespatulado (3,5 mm. de comp. e 0,5 mm. de larg.); corola com os lábios desiguais, o superior cordi-reniforme e o inferior maior e distintamente trilobado; esporão horizontal, com a ponta vermelha, largamente cónico, tão ou um pouco mais comprido que o segmento mediano do lábio inferior; sementes não aladas. *Jun.-Set. Lugares arenoso-pantanosos: Matas de Foja (Françosa, pr. Liceia)* . . **U. subulata** L.

Esporão tridenticulado no ápice, com o dentículo mediano cónico, mais comprido e mais largo que os laterais. *Com o tipo* . . . . var. *tridenticulata* Fernandes

RÉSUMÉ

Au mois Juillet 1947, le collecteur de l'Institut Botanique de l'Université de Coimbra a récolté dans les forêts de Foja (Françosa, pr. Liceia) une espèce d'*Utricularia* non signalée encore dans la flore du Portugal. L'étude de cette espèce nous a révélé qu'il s'agit d'*U. subulata* L., dont nous présentons une description latine, par le fait que la morphologie des organes souterrains de cette espèce n'était pas encore suffisamment connue.

Parmi les plantes récoltées, nous avons trouvé des exemplaires dont les fleurs présentaient l'éperon largement conique à sommet entier, et d'autres à éperon à sommet tridenticulé. Avec ces dernières plantes, nous avons constitué une nouvelle variété: *U. subulata* L. var. *tridenticulata* nob. n. var.

Le type et la variété se trouvent ensemble, croissant dans une clairière de la forêt de *Pinus Pinaster* Ait., occupée par une tourbière à *Sphagnum* sp., dont la végétation était constituée par *Rhynchospora glauca* Vahl, *Molinia coerulea* (L.) Moench, *Erica Tetralix* L., *E. ciliaris* L., *Ulex nanus* Forster, *Heleocharis multicaulis* Sm., *Potentilla erecta* (L.) Hampe, *Anagallis tenella* L., *Hypericum Helodes* L., *Juncus acutiflorus* Ehrh., *Drosera intermedia* Hayne e *Pinguicula lusitanica* L.

Étant donné que *U. subulata* L. croît au Portugal dans des conditions semblables à celles dans lesquelles se trouve dans les autres régions (Amérique du Nord, Puerto Rico, Brésil, Pérou, Afrique Tropicale et Indes Occidentales), qu'elle semble être parfaitement adaptée aux conditions édaphiques et climatiques de notre pays et que la localité où elle se trouve n'est pas soumise directement à une intense action de l'homme, on pourrait supposer que cette espèce est spontannée au Portugal. En opposition

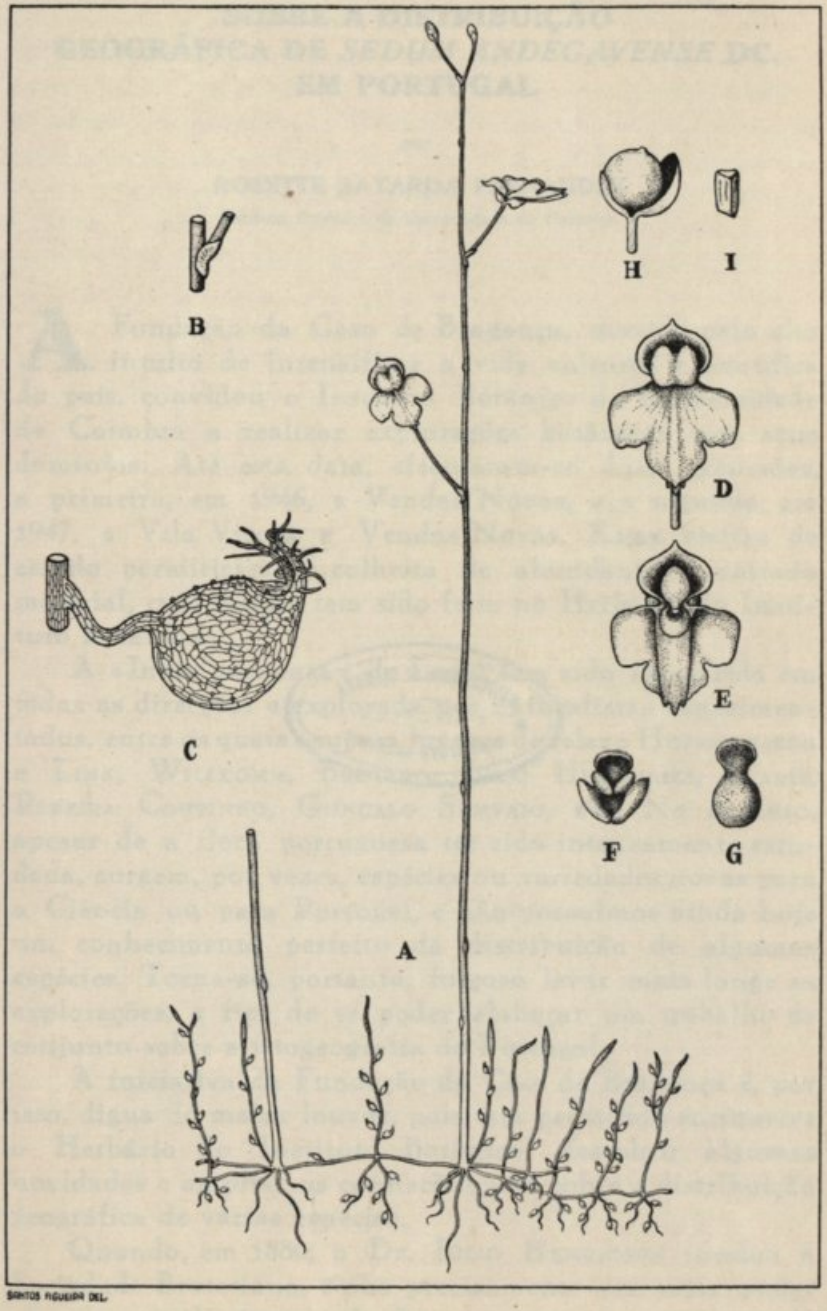
avec cette conclusion, se trouve, cependant, le fait que parmi les plantes qui font partie de l'association où croît *U. subulata* L. se rencontre aussi *Rhynchospora glauca* Vahl, espèce originaire de l'Amérique et de l'Australie. Pour cette raison, et étant donné que la localité de Françosa où *Utricularia subulata* L. a été trouvée est située aux bords des rizières, il devient probable que cette Lentibulariacée ait été introduite au Portugal avec les semences de riz importées par les agriculteurs de la région.

TABULÆ EXPLICATIO

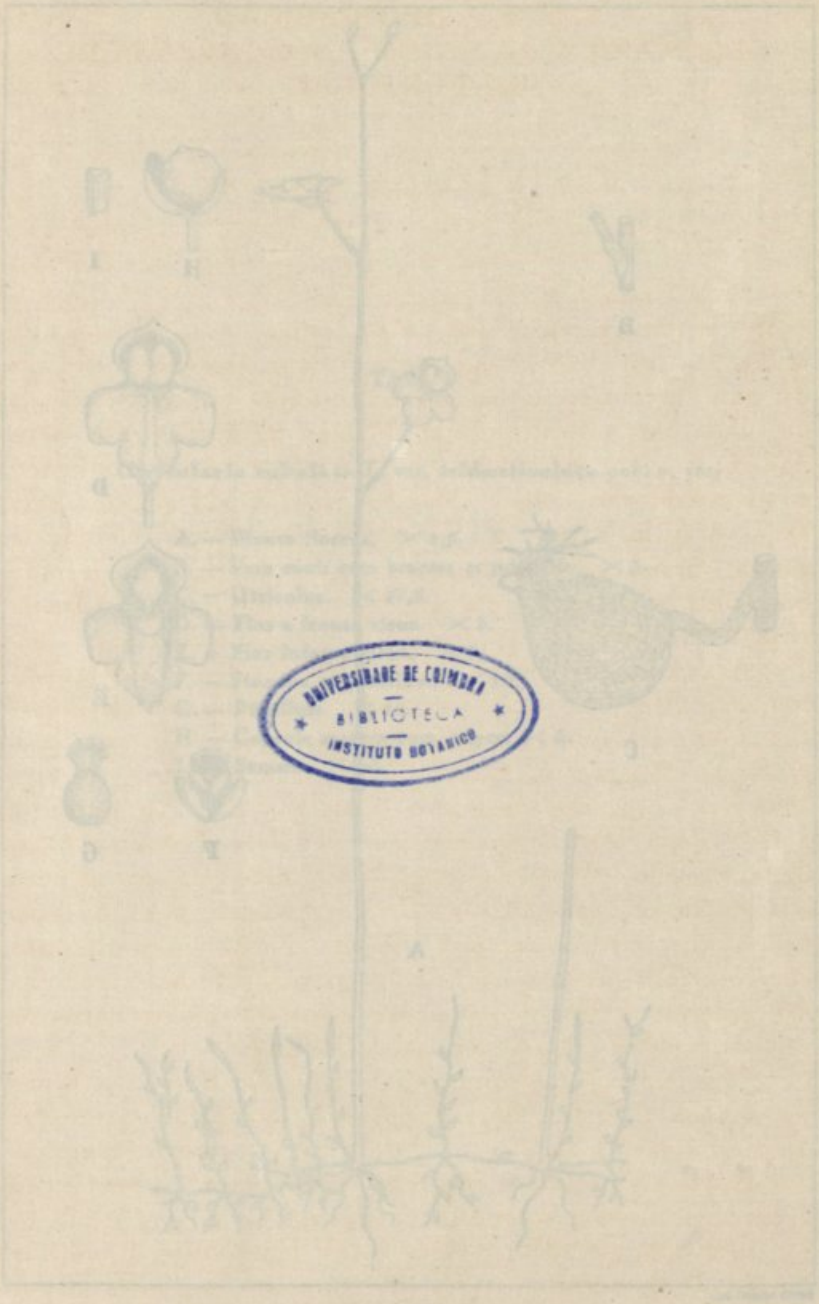
TAB. I

Utricularia subulata L. var. **tridenticulata** nob. n. var.

A. — Planta florens. × 1,5.
B. — Pars cauli cum bractea et pedicello. × 3.
C. — Utriculus. × 27,5.
D. — Flos a fronte visus. × 3.
E. — Flos inferne visus. × 3.
F. — Stamina et pistillum. × 10.
G. — Pistillum. × 10.
H. — Capsula matura cum calyce. × 5.
I. — Semen. × 25.



Santos Figueira del.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO

SOBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE *SEDUM ANDEGAVENSE* DC. EM PORTUGAL

por

ROSETTE BATARDA FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

A Fundação da Casa de Bragança, movida pelo alto intuito de intensificar a vida cultural e científica do país, convidou o Instituto Botânico da Universidade de Coimbra a realizar explorações botânicas nos seus domínios. Até esta data, efectuaram-se duas excursões, a primeira, em 1946, a Vendas Novas, e a segunda, em 1947, a Vila Viçosa e Vendas Novas. Estas visitas de estudo permitiram a colheita de abundante e variado material, cujo estudo tem sido feito no Herbário do Instituto Botânico.

A «India europaea» de LINEU tem sido percorrida em todas as direcções e explorada por naturalistas experimentados, entre os quais ocupam lugares de relevo HOFFMANSEGG e LINK, WILLKOMM, BROTERO, JÚLIO HENRIQUES, MARIZ, PEREIRA COUTINHO, GONÇALO SAMPAIO, etc. No entanto, apesar de a flora portuguesa ter sido intensamente estudada, surgem, por vezes, espécies ou variedades novas para a Ciência ou para Portugal, e não possuimos ainda hoje um conhecimento perfeito da distribuição de algumas espécies. Torna-se, portanto, forçoso levar mais longe as explorações, a fim de se poder elaborar um trabalho de conjunto sobre a fitogeografia de Portugal.

A iniciativa da Fundação da Casa de Bragança é, por isso, digna do maior louvor, pois tem permitido enriquecer o Herbário do Instituto Botânico, descobrir algumas novidades e ampliar os conhecimentos sobre a distribuição geográfica de várias espécies.

Quando, em 1880, o Dr. JÚLIO HENRIQUES fundou a Sociedade Broteriana, tinha precisamente em mira poder alargar o conhecimento da flora portuguesa, por intermé-

dio das plantas herborizadas pelos seus sócios. Infelizmente, nota-se, nos últimos anos, um decréscimo na actividade da Agremiação em que Júlio Henriques depositava tantas esperanças. O gosto pela colheita de plantas parece tender a diminuir nos sócios da Sociedade Broteriana. E, contudo, o trabalho requerido por uma herborização é tão pequeno! Nos passeios ou digressões pelos campos, a vossa atenção será, insensìvelmente, solicitada pelas maravilhas do reino vegetal que se vos vão deparando. Pouco a pouco, começareis a olhar com interesse para as flores, para os ramos que vão surgindo pelos caminhos, e, se levantais com frequência a vista para admirar um recanto da paisagem, a a curva de uma montanha longínqua, o deslizar suave de um regato, não deixareis de, com mais frequência ainda, a baixar para contemplar a delicadeza de uma flor, o seu colorido brilhante, todas as graças e esplendores de que se reveste. Surgirá, depois, a curiosidade de conhecer o nome científico das plantas, que, pela sua beleza, despertaram a vossa atenção, e, assim, sereis levados a colhê-las e a tentar em seguida a sua classsficação. Pouco a pouco, despertará em vós o gosto pelas colecções, e, ao fim de algum tempo, tereis reunido um número de exemplares que serão preciosos para a Sociedade Broteriana. E, se nem todos podereis vir a ter a glória de descobrir espécies novas, podereis, no entanto, contribuir para o melhor conhecimento da nossa flora, particularmente para o estudo mais pormenorizado da distribuição geográfica de muitas espécies.

É exemplo do que acabamos de afirmar a nota que apresentamos sobre a distribuição de *Sedum andegavense* DC. (fig. 1).

As localidades indicadas para esta espécie na 2.ª edição da Flora de Portugal de Pereira Coutinho (1939) são as seguintes:

Castelo Novo
Berlengas
Beja
Moura

Como se vê, localidades em pequeno número e bastante afastadas umas das outras.

Com o fim de completar os dados referidos, requisitámos, aos Institutos Botânicos das Universidades de

Fig. 1. — *Sedum andegavense* DC. Exemplares do herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, colhidos na região de Vila Viçosa.

Lisboa e Porto, à Estação Agronómica Nacional e ao Instituto Superior de Agronomia, os exemplares de *S. andegavense* DC. existentes nos respectivos herbários.

Nos Herbários do Instituto de Botânica da Univer-

dade do Porto e da Estação Agronómica Nacional não existia qualquer exemplar desta espécie.

Do Herbário do Instituto Botânico da Universidade de Lisboa, constam plantas herborizadas nas seguintes localidades:

In Algarbia Serra de Monchique ad saxa muscosa de Picota, est rarum — Jun. 847 — leg. Welw.
Lavradoras, Beja — Abril de 1882 — A. R. Cunha.
Mata dos Bodes, Beja — Abril de 1882 — A. R. Cunha.
Ilha Berlenga, Forte de S. João Baptista — Maio de 1883 — J. Daveau.
Castelo Novo (nas fendas das rochas — raro) — Julho de 1886 — A. R. Cunha.
Arredores de Moura, Safara — Maio de 1920 — Luís Fernandes.

Estas localidades são, evidentemente, as que vêm indicadas na Flora de Portugal de Pereira Coutinho.

No Herbário do Instituto Superior de Agronomia, existem exemplares colhidos nas seguintes localidades:

Freixo de Espada à Cinta — Abril de 1942 — G. Pedro, G. Barbosa e M. Myre.
Freixo de Numão, Escorna Bois — Abril de 1946 — F. Mendonça e J. de Vasconcelos.

Os exemplares que existem no Herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra foram herborizados nas seguintes localidades:

Ilhas Berlengas e Farilhões — Maio de 1883 — J. Daveau.
Ilhas Berlengas—Maio-Junho de 1884— J. Daveau.
Miranda do Douro — Junho de 1888 — J. de Mariz.
Izeda, Bragança — 1932—Dr. Carrisso e Mendonça.

O mapa da figura 2 representa a distribuição geográfica de S. *andegavense* DC. em Portugal segundo os dados apresentados.

Durante a excursão botânica realizada em Maio de 1947 sob os auspícios da Fundação da Casa de Bragança, tivemos ocasião de fazer abundantes colheitas de S. *ande-*

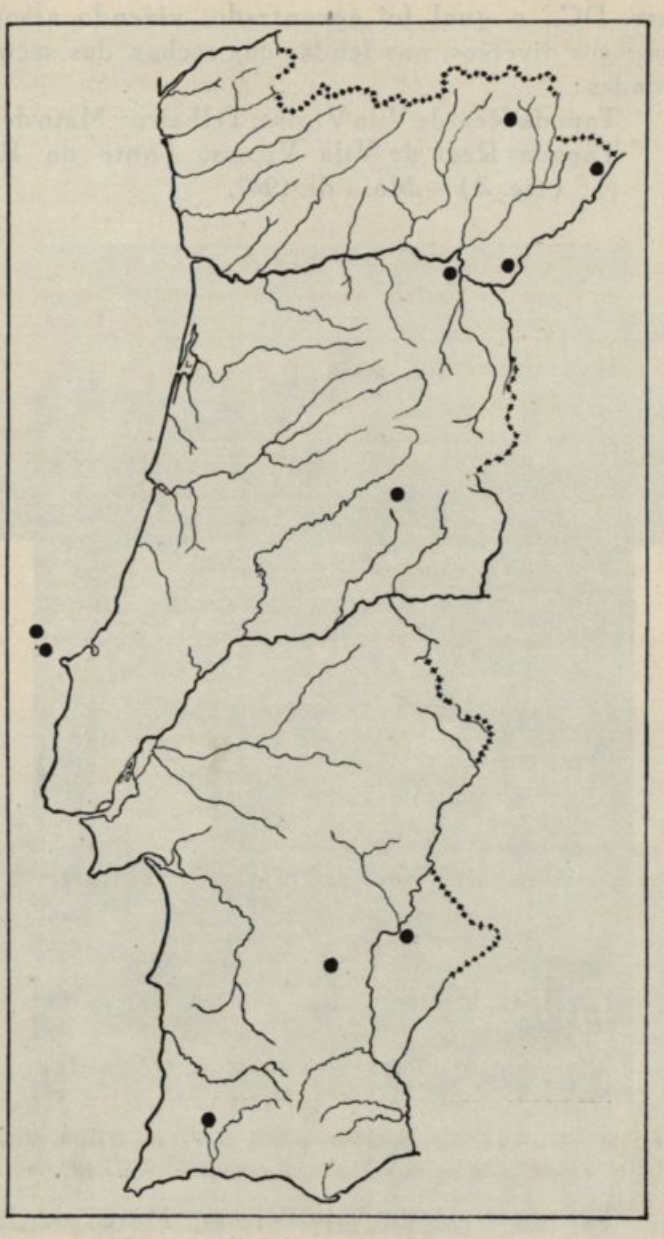


Fig. 2. — Distribuição de *Sedum andegavense* DC. em Portugal, segundo os dados fornecidos pelo material existente nos herbários portugueses até a data da realização da segunda exploração botânica nos domínios da Fundação da Casa de Bragança (3-15 de Maio de 1947).

gavense DC., o qual foi encontrado, vivendo associado com musgos diversos, nas fendas das rochas das seguintes localidades:

Tapada Real de Vila Viçosa, Telheiro — Maio de 1947.

Tapada Real de Vila Viçosa, Fonte da Rocha (fig. 3) — Maio de 1947.

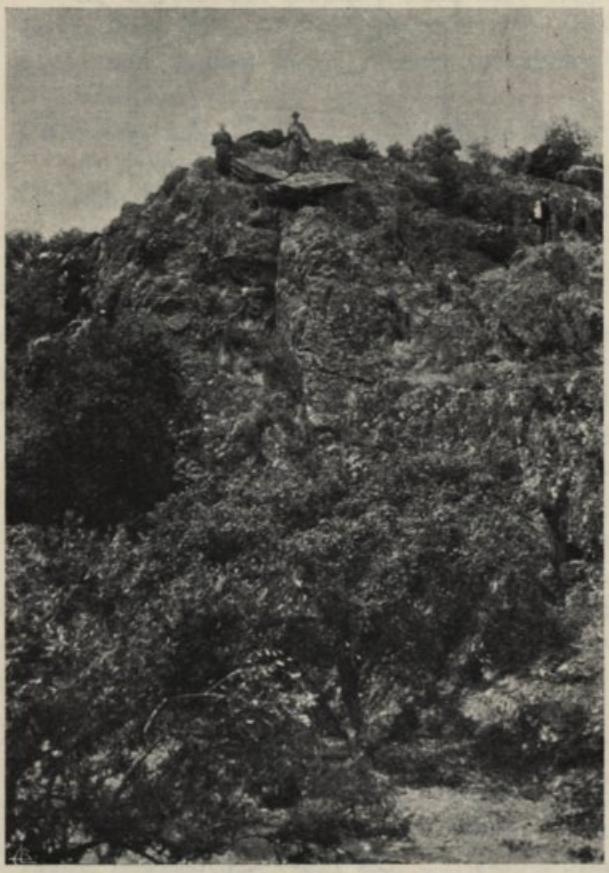


Fig. 3. — Um aspecto da Fonte da Rocha, na Tapada Real de Vila Viçosa, onde foi herborizado *Sedum andegavense* DC.

Tapada Real de Vila Viçosa, Marco da Lua — Maio de 1947.

Tapada Real de Vila Viçosa, Horta Velha — Maio de 1947.

Fig. 4. — Rochas do Monte da Vigária, em cujas fendas foi herborizado *Sedum andegavense* DC.

Fig. 5. — Um aspecto da Ribeira do Ratinho.

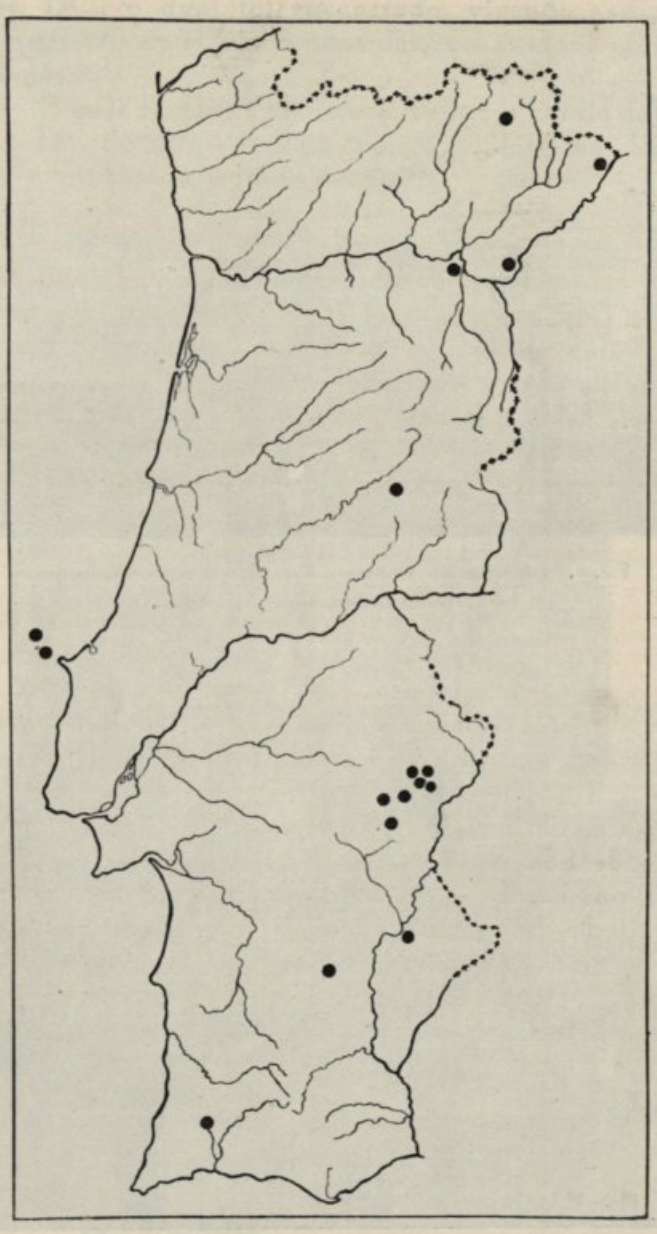


Fig. 6. — Distribuição de *Sedum andegavense* DC. em Portugal, segundo os dados actuais.

Herdade das Palhas, Serra d'Ossa — Maio de 1947.
Herdade da Vigária, Vila Viçosa (fig. 4) — Maio de 1947.
Ribeira do Ratinho, Vila Viçosa (fig. 5) — Maio de 1947.
Herdade do Monte da Ribeira, Redondo — Maio de 1947.

A frequência com que se nos deparou *S. andegavense* DC. e a quantidade de exemplares herborizados mostram que a planta não é rara. A sua existência em Trás-os--Montes e no Algarve, passando por várias localidades intermediárias, faz-nos prever que se encontre distribuída de Norte a Sul do país e que a pobreza dos nossos herbários em material desta espécie seja devida à deficiência de herborizações. O mapa da figura 6 mostra a distribuição de *S. andegavense* DC., feita de acordo com as novas localidades em que a planta foi encontrada.

Como se vê, nunca é de mais tudo quanto se faça no que respeita à exploração botânica do País, porquanto plantas que, à primeira vista, parecem vulgares e sem interesse, podem mostrar, por um estudo mais profundo, pormenores que não são para desprezar.

Sócios da Sociedade Broteriana! Pede-se-vos, pois, um pouco de boa vontade. Nas vossas aldeias, durante as férias, nas excursões através das matas, nas escaladas pelos alcantilados das serras, consagrai um pouco de atenção às plantas que vos rodeiam, dedicai-lhes um pouco de tempo, porque... quem sabe? talvez o vosso nome fique ligado a alguma delas!

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIV

REDACTORES
PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra
F. A. MENDONÇA
Naturalista do Instituto Botânico

COIMBRA
1948

ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIV

REDACTORES
PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra
F. A. MENDONÇA
Naturalista do Instituto Botânico

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

COIMBRA
1948

Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt.ª — Alcobaça

SESSÕES
DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 24 de Janeiro de 1948

Presidência do Ex.mo Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.mo Sr. Prof. Dr. Abílio Fernandes, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1947. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano transacto, a vida da Sociedade decorreu normalmente, não tendo ocorrido factos especiais dignos de menção.

«Como habitualmente, a Direcção continuou a dedicar o melhor do seu esforço às publiçações, tendo-se editado o número XIII do Anuário e o volume XXI do Boletim. Além de trabalhos de autores portugueses, este volume do Boletim insere também um valiosíssimo artigo do Ex.mo Sr. Dr. Clyde F. Reed, professor do Morehead State Teachers College, Morehead, Kentucky, sobre a filogenia e ontogenia das *Pteropsida*. Agradecemos, reconhecidamente, a este ilustre cientista a notável colaboração que teve a amabilidade de nos conceder.

«Para a publicação do referido volume, muito contribuiu o subsídio de 5.000$00 concedido pelo Instituto para a Alta Cultura. Agradecemos, pois, a esta Instituição o auxílio que mais uma vez se dignou dispensar à Sociedade.

«As dificuldades financeiras não permitiram a publicação do volume IV das Memórias. No entanto, as condições apresentam-se mais favoráveis para o ano de 1948, e a Direcção espera poder editar o mencionado volume no decurso desse ano.

«No Herbário do Instituto Botânico continuou o

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

estudo do material enviado pelos sócios. Nele há a destacar a esplêndida colecção realizada pelo Ex.^mo^ Sr. P^e^ António de Barros Carneiro, que contém novidades do maior interesse, cujo estudo se encontra quase concluído.

« A Direcção continuou a ocupar-se da regularização das suas relações com as Instituições estrangeiras congéneres, objectivo que continua a merecer-lhe o maior carinho.

« Mais uma vez a Direcção regista com pesar que a actividade dos sócios tenha sido muito reduzida durante o ano que passou. Apela, pois, para todos, rogando-lhes que efectuem trabalhos de herborização e enviem as suas colecções para o Instituto Botânico, a fim de a Sociedade continuar desempenhando a patriótica missão de contribuir para um melhor conhecimento da flora portuguesa ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1947, existia em caixa um saldo de 4.868$04.

O Prof. Dr. Abílio Fernandes diz que a impressão das revistas da Sociedade consome somas avultadas. Por esse facto, propõe que a Direcção seja autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^mos^ Srs. Drs. Aloísio Fernandes Costa e Virgílio da Rocha Diniz.

Resolveu, também, manter em 2$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1948, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 24 de Janeiro de 1948

Presidência do Ex.mo Sr. Prof. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continue a cargo do Ex.mo Sr. Dr. Abílio Fernandes;

b) Manter a comissão de redacção do Anuário;

c) Solicitar do Instituto para a Alta Cultura um subsídio que permita fazer face às despesas da publicação das revistas da Sociedade;

d) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

Carlos Manuel Baeta Neves, Eng.º agrónomo, Prof. de Entomologia, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Jardin Botánico da Universidade de Valencia, Espanha.

José Maria Muñoz Medina, Prof. Catedrático da Faculdade de Farmácia da Universidade de Granada, Espanha.

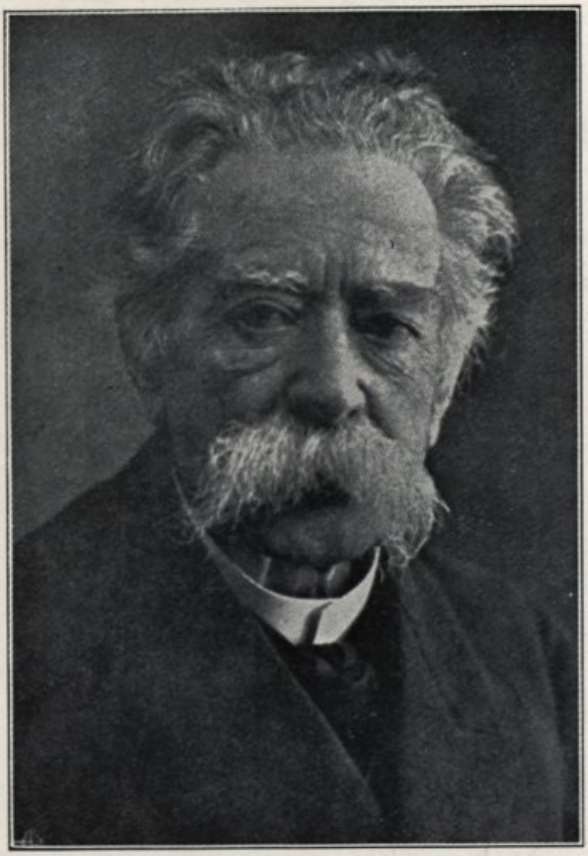
José Vicente C. Malato Beliz, Eng.º agrónomo, Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas.

Manuel da Silva, Colector da Estação Agronómica Nacional, Sacavém.

Pedro González Guerrero, Naturalista do Jardim Botânico de Madrid, Espanha.

Pedro Monserrat Recoder, Instituto Botânico da Universidade de Barcelona, Espanha.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO



JÚLIO AUGUSTO HENRIQUES
1838 - 1928

ALGUMAS CARTAS TROCADAS ENTRE OS PROFESSORES DOUTOR JÚLIO HENRIQUES E CONDE DE FICALHO

POUCO tempo antes do seu falecimento, quando o seu estado de saúde já inspirava sérios cuidados, o Sr. Marquês de Ficalho, D. Francisco de Melo, enviou-me correspondência recebida por seu Avô, Conde de Ficalho, correspondência que lhe fora endereçada por botânicos, quase todos estrangeiros, e, na sua maior parte, referente a assuntos de Botânica, ou dos Herbários e do Jardim da Escola Politécnica, dizendo-me que a visse e arquivasse a parte que tivesse interesse.

Fiquei profundamente grato e, posso afirmar, comovido, com a honra recebida da parte de quem fora meu discípulo no ensino secundário, dada ao velho professor que entrara para a Escola Politécnica na vaga que a morte, do Conde de Ficalho fizera abrir e que, anos mais tarde fora Director do Jardim e dos Herbários, para os quais trabalhara com vigor, com interesse, com entusiasmo aquele distinto e ínclito professor.

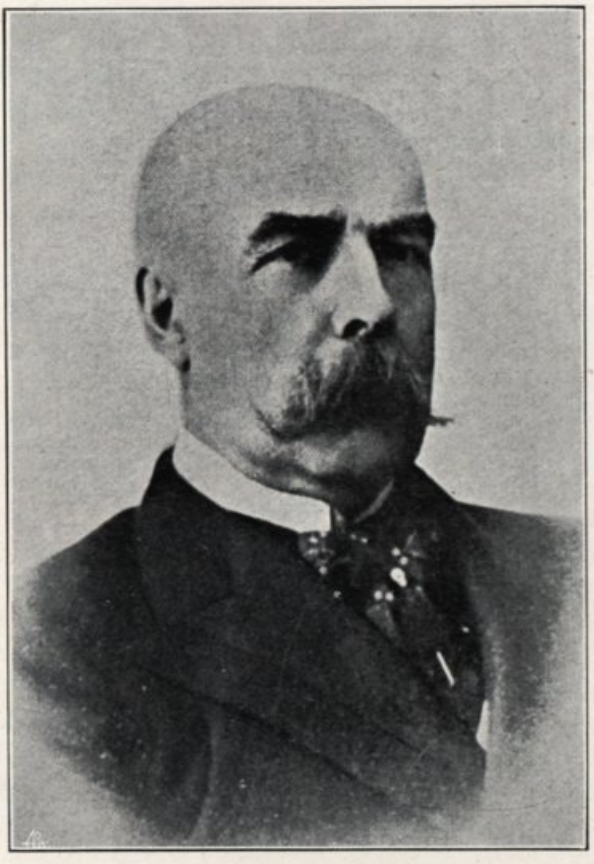
Interessa-me tudo que diga respeito à Escola onde servi trinta e seis anos, em especial aquilo que se relacione com o grupo das ciências botânicas, mas tinha entre mãos a revisão dos dois trabalhos do Conde de Ficalho, que a Agência Geral das Colónias republicou em segunda edição: «Memória sobre a Malagueta», «Plantas Úteis da África Portuguesa», e tive, portanto, de aguardar a possibilidade de ler e de catalogar os documentos recebidos. Era natural que me chamassem a atenção, antes de quaisquer outras, as cartas escritas pelo grande botânico português, glória da Universidade de Coimbra, que fora meu Mestre e meu grande Amigo, e combinei com o Sr. Doutor Abílio Fernandes, que seriam publicadas no Anuário da Sociedade Broteriana, como preito de home-

nagem ao fundador da Sociedade, aquele a quem se deve o centro de estudos botânicos que tem o seu nome.

São vinte e sete cartas, que se estendem por largo período, desde 24 de Janeiro de 1877 até 7 de Fevereiro de 1889, referindo-me à data da última encontrada que, ao que penso, deve ter tido outras em continuação, que se perderam. Juntam-se-lhe, colocando-as por ordem cronológica entre aquelas, duas cartas do CONDE DE FICALHO, únicas que se encontraram no Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques, e uma outra dirigida a JULES DAVEAU, o botânico que foi Jardineiro-chefe do Jardim da Escola Politécnica, que seria lástima pôr de parte.

Todas essas cartas confirmam, em absoluto, as belas qualidades que exornavam o excelso professor coimbrão: tenacidade para a consecução dos seus ideais; persistência no esforço necessário para atingir os fins em mira; carinho pelo desenvolvimento dos estabelecimentos que criara ou ampliara; ânsia pelo progresso da botânica portuguesa; inteireza no cumprimento das suas promessas e contratos; desejo de tornar profícuo o ensino, não só na sua cátedra e na sua Universidade, como nas outras Escolas portuguesas.

Com esta publicação ficam registados: a vontade intensa de angariar plantas que aumentassem o herbário, conseguindo, como conseguiu, transformá-lo de pobre, em comparação com a *riqueza* do de Lisboa, como diz em 7 de Janeiro de 1878, no riquíssimo e esplêndido instrumento de trabalho que deixou e que não tem cessado de aumentar; a amabilidade com que oferece os duplicados do *seu* herbário, para enriquecimento do da capital; o interesse pelas explorações botânicas, a princípio feitas em precárias condições, mais tarde dotadas com verbas especiais, devido à influência política do seu colega lisboeta, que, embora modestas, permitiam maior número de saídas para o campo; as suas relações com os principais botânicos europeus, seus contemporâneos, que a ele recorriam para obter elementos para os seus trabalhos científicos; o amor com que tratou de perpetuar a memória de BROTERO no magnífico mármore de SOARES DOS REIS; o cumprimento



FRANCISCO DE MELLO, CONDE DE FICALHO
1837 - 1903

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

das condições aceites sobre o Herbário de WILLKOMM, essa preciosidade que, vencendo grandes dificuldades, conseguiu e que tanto valor tem para os estudiosos da flora ibérica, e muitos outros factos, cuja enumeração levaria muito longe.

Abril de 1948.

PROF. RUY TELLES PALHINHA

Ex.mo Snr.

Recebi com muita satisfação a carta de V. Ex.ª e o folheto por V. Ex.ª publicado sobre as Labiadas, que agradeço muito cordialmente.

Senti não ter encontrado a V. Ex.ª, mas só da segunda vez que estive na Escola soube em que dia V. Ex.ª dava aula, mas infelizmente não me foi possivel voltar lá.

Agradeço a promessa, que V. Ex.ª faz de dar para Coimbra alguns dos duplicados da collecção portuguesa e alem d'isso uma collecção das plantas africanas. É a confirmação do que por vezes me affirmou o D.r B. A. Gomes.

Eu espero com anciedade a realização da promessa e estimaria poder corresponder d'algum modo. As collecções que temos são pequenas, por que só nos tres ultimos annos se tem feito alguma cousa. Do que ha darei tudo o que convier para a Escola. O mesmo digo em relação a plantas vivas e lá o disse ao novo jardineiro.

Pode V. Ex.ª mandar este empregado a Coimbra e elle escolherá o que julgar conveniente.

Em relação ao herbario do D.r Ant.º de Carvalho devo dizer a V. Ex.ª, que tem bastantes plantas mas é muito inferior ao que a Escola possue. Estão quasi todas as especies determinadas. Se V. Ex.ª desejar o catalogo de todo elle, ou dos individuos d'algumas familias, poderei mandal'o.

Desejo que V. Ex.ª conte com a minha boa vontade e disponha do que é com consideração

De V. Ex.ª Att. V.or e Cd.º

Coimbra, 24.1.77

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr.

O professor Kerner de Innsbruck (Tyrol) trabalha na publicação d'uma obra sobre as Borragineas da Europa e deseja muito poder observar um exemplar de Pulmonaria angustifolia L. que Hoffmansegg descreveu, tendo-a encontrado na Serra de Rebordãos.

Eu não tenho exemplar d'esta planta. Lembrei-me de que talvez haja exemplares no herbário da Escola e no caso affirmativo, havendo duplicado, eu pedia a V. Ex.ª um só exemplar, que poderei talvez restituir, com o fim de satisfazer o pedido d'aquelle professor.

Pergunta elle se em Portugal se terá encontrado mais alguma especie d'aquelle genero.

V. Ex.ª de certo me poderá dar informações a este respeito.

Desculpe-me V. Ex.ª e creia-me

De V. Ex.ª Att.º V.^or^ C.^do^

Coimbra, 31.1.77.

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr.

Contando com a desculpa dada por V. Ex.ª á grande demora em responder a uma carta de V. Ex.ª, offereço hoje a V. Ex.ª alguns exemplares de Pulmonaria angustifolia H. et Link colhida no logar designado por aquelles botanicos. Como V. Ex.ª trabalha no estudo da familia a que ella pertence, de certo estimará ver aquella planta.

Estimei muitissimo poder obter estes exemplares, principalmente por que são de certo os primeiros colhidos depois dos que colheram os botanicos allemães.

Folgarei de ter occasião analoga de lhe poder ser util.

Desejava dever a V. Ex.ª um obsequio que consiste em V. Ex.ª me dizer quaes as especies do genero *Orobanche*, que existem no herbário de Welwitsch.

Como V. Ex.ª se encontra frequentemente com o nosso

amigo Barros Gomes obsequiava-me lembrando-lhe a promessa do *Quercus hispanica* e *alpestris*.

Disponha V. Ex.ª do que é com toda a consideração

De V. Ex.ª Att.º V.or e C.do

Coimbra, 14.6.77.

Julio A. Henriques

Ex.mo Snr.

Procurei a V. Ex.ª para receber as suas ordens e agradecer todas as attenções que comigo teve, mas não fui feliz, por que não encontrei a V. Ex.ª.

Ao Antonio Ricardo e ao nosso Amigo B. B. Gomes pedi para dizerem a V. Ex.ª que muito me obsequiava, mandando-me antes d'Outubro o que for servido para o museu botanico da Universidade.

Não deixarei de instar com V. Ex.ª para que a collecção africana seja bastante completa. Se é bom que as melhores sejam dadas para os bons estabelecimentos extrangeiros, não me parece fóra de razão que em Portugal fiquem duas collecções boas, já que tanto dinheiro custaram. Era mesmo promessa do D.r B. A. Gomes.

Fio-me na boa vontade de V. Ex.ª e espero ser atendido.

Em casa de V. Ex.ª deixei com o Brotero os catalogos que tinha promettido. Se V. Ex.ª desejar algum esclarecimento, prontamente o darei.

Desejo a saude de V. Ex.ª e sou com toda a consideração

De V. Ex.ª Am.º m.to Obg.º

Coimbra, 14.8.77.

Julio A. Henriques

Ex.mo Snr

Recebi hoje os livros e agradeço a V. Ex.ª o trabalho que lhe dei. Não sei ainda o que devo e V. Ex.ª obsequeia-me dizendo-m'o para eu pagar.

Agradeço a promessa que V. Ex.ª me faz em relação ás plantas africanas.

Da boa e obsequiosa vontade de V. Ex.ª dei hontem parte ao Conselho da Faculdade que me encarregou de lhe agradecer. V. Ex.ª obsequeia-me aceitando esta declaração e dispensando-me do *officio* em forma.

A minha carta ao D.r Bocage foi filha d'uma conversa com o B. Barros Gomes, com o qual discuti bastante sobre o caso. Parece-me de justiça que em Portugal não fique *só* uma collecção boa. Custa tanto a conseguir objectos d'estes, que mal seria ficar sem elles, tendo-os em nosso poder.

Eu bem sei que não posso fazer estudos, como n'outros estabelecimentos de certa ordem. É bom porem que tenhamos os elementos para quem quizer e puder estudar.

V. Ex.ª comprehende bem o interesse que tenho n'este negocio e espero dever-lhe o favor de me favorecer quanto fôr possivel.

D'entre as plantas africanas vi uns lindos exemplares de Welwitschia. Poderei ter um completo com a planta e os fructos?

Tambem peço a V. Ex.ª que não se esqueça dos duplicados da collecção portugueza. que prometteu.

Tenho em meu poder, para vender alguns livros do D.r Antonio de Carvalho. Creio que ahi ha de todos, menos, se bem me recordo, o *Arboretum* de Loudon e a Botanica analytica de Lemaout et Decaisne, obra importantissima. Estão novos e vendem-nos com abatimento. Não os quererá V. Ex.ª?

Desejo a saude de V. Ex.ª e espero que disporá do que é com toda a consideração

De V. Ex.ª Att.º m.to obg.º

C. 16.10.77.

Julio A. Henriques

Ex.^mo Snr.

Recebi a carta de V. Ex.ª e as plantas d'Africa, que muito agradeço. Não escrevi a V. Ex.ª ha mais tempo, como devia, pela razão de estar fóra de Coimbra.

As plantas d'Africa são bem vindas e muito desejadas, por que a pobreza dos nossos herbarios é grande em comparação com as riquezas da Escola e por isso não cessarei de pedir a V. Ex.ª que olhe com bons olhos para este estabelecimento.

O nosso Amigo Barros Gomes tinha-me dado esperança de poder mandar para cá uns exemplares da Welwitschia de que ahi havia duplicados para herbario. Se isso for possivel agradeceria a remessa, assim como d'alguns duplicados da Flora portugueza.

Desculpe-me V. Ex.ª. Eu darei tambem tudo o que lhe puder servir.

Disponha V. Ex.ª do que é com toda a consideração

De V. Ex.ª Am.º Att.º V.^or e C.^do

Coimbra, 7.1.78.

Julio A. Henriques

Ex.^mo Snr.

Recebi as plantas portuguezas da collecção Welwitsch, que V. Ex.ª mandou e agradeço muitissimo esta collecção.

Não sei se o Murgo (?) (livraria Morè) mandou a V. Ex.ª um exemplar da minha traducção do Primer of Botany do D.^r Hooker.

Já pedi ao Bernardino Gomes para me dizer isto e como nada me respondeu, pergunto-o directamente a V. Ex.ª, por que no caso negativo, desejo offerecer um exemplar a V. Ex.ª.

Disponha V. Ex.ª do que é com toda a consideração

De V. Ex.ª Am.º Obg.º

C. 14.2.78.

Julio A. Henriques

Ex.^{mo} Snr.

Recebi hoje uma carta do distincto botanico E. Boissier em que me pede com maximo empenho para que eu me dirija a V. Ex.^{a} a fim de que lhe sejam emprestados todos os exemplares do genero *Epilobium* dos herbarios de Brotero e de Welwitsch. Deseja elle isto para que estas plantas portuguezas possam ser examinadas por um Am.^{o} e parente d'elle que trabalha n'uma monographia d'este genero.

Elle tem esperanças de que este pedido seja satisfeito, attendendo a que os estabelecimentos publicos extrangeiros tem facilidade em emprestar aos monographos os exemplares essenciais p.^{a} o estudo. Isto vi eu fazer em Paris, onde um botanico belga fez farta colheita de cucurbitaceas, que restituirá depois de estudadas.

Obsequeia-me pois V. Ex.^{a} d'um modo muito especial dizendo-me se é facil satisfazer o pedido do Snr. Boissier, para eu lh'o comunicar ou para lhe dizer que entre directamente em relações com V. Ex.^{a} se isso lhe agradar.

Pedido analogo me foi feito na Belgica pelo Sr. E. Morren, que trabalha na monographia das Bromeliaceas e pelo Snr. Cogniaux que tem já boas publicações sobre as cucurbitaceas. D'umas e d'outras haverá de certo exemplares nos herbários do Brazil e d'Africa.

Por acaso tinha escripto ao nosso Am.^{o} Bernardino B. Gomes, pedindo-lhe que perguntasse a V. Ex.^{a} se quereria comprar para a bibliotheca da escola, uma obra, de que tenho dous exemplares d'uma monographia com estampas dos generos *Aloes* e *Mesembrianthemum*, publicada pelo Conde Salm-Dyck. Não posso dizer agora ao certo q.^{to} me custou: vende-l'a-hei m.^{mo} já com abatimento.

V. Ex.^{a} obsequiava-me dizendo-me se a deseja, por que não a querendo, desejo ver se a vendo no Porto.

Aguardo a resposta de V. Ex.^{a}, esperando que disporá do que é com toda a consideração

De V. Ex.^{a} Am.^{o} m.^{to} v.^{or} e obg.^{o}

Coimbra, 28.9.78.

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr.

Recebi a remessa de plantas africanas que V. Ex.ª ultimamente me mandou e que comprehendia 686 espécies.

Agradeço muito especialmente a V. Ex.ª e estou certo de que V. Ex.ª continuará a dotar o nosso herbario com uma boa collecção d'estas plantas. Sinto só não poder corresponder dando para o Jardim da Escola alguma cousa que lhe fosse util.

Desejo a saude de V. Ex.ª e espero que disporá do que é com muita consideração

De V. Ex.ª Am.º m.^to^ obg.º

Coimbra, 22.4.79.

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr. e Caro Collega.

Estou na maior falta, não tendo respondido a mais de uma carta de V. E.^ia^. Succedeu porem que o nosso comum Amigo Barros Gomes, que eu vejo quasi diariamente, se encarregou de responder a algumas das suas perguntas e assim não se tornando urgente escrever, fui deixando passar dias e semanas, em parte por estar bastante occupádo, mas principalmente por esta indolencia muito minha e muito portugueza.

Confesso pois o meu peccado. Mas creia sempre na minha sincéra amizade e boa vontade, não obstante os meus prolongados silencios.

Espéro em breve remetter mais umas novecentas plantas africanas, e passádo algum tempo taobem algumas portuguezas.

Tenho esta primavéra feito algumas herborizações e dirigido outras pelo Daveau. Poderei communicar a Coimbra algumas das plantas recolhidas. Muito util seria que ahi se podesse ter um bom Collector que viajá-se no norte. Com os caminhos de ferro é fácil. Teriamos asssim dous Centros Lisboa e Coimbra e trocando as plantas

obteriamos boas Collecções do payz. Francamente é vergonhoso, e particularmente para nós dous, que temos a principal responsabilidade, que não estejam mais ricos os herbarios portuguezes. Muito estimaria ter em breve occasião de o ver, e de combinar-mos algumas cousas, sobre uma acção comum n'este sentido.

Creia-me sempre de

V. E.ia Mto obgdo

Maio 1879.

C. Ficalho

Ex.mo Snr

Recebi a carta de V. Ex.a que muito agradeço. Não tem V. Ex.a de que me pedir desculpa. As cartas que por vezes tenho escripto a V. Ex.a não exigiam resposta rapida.

Folgo com a noticia de receber em breve nova remessa de plantas africanas e não folgo menos vendo a boa disposição de V. Ex.a para a exploração botanica do paiz.

Pela minha parte tenho feito o que me é possivel com os poucos meios de que disponho. As vezinhanças de Coimbra estão menos mal representadas, quero dizer, exploradas. Já mandei um homem a Bragança e lá o mandarei para o mez que vem, por que ha por lá muita cousa importante.

Se o Governo me desse alguma cousa p.a explorações, eu faria a diligencia para que esse dinheiro fosse utilmente empregado. Creio porem, que nada se obterá e que apenas poderemos contar com as parcas dotações dos estabelecimentos.

O meu fim nas explorações tem sido não só encontrar e colher tudo, mas especialmente as especies botanicas, muitas das quaes são mal conhecidas. Ainda na semana passada, depois de varias tentativas, pude encontrar o Ranunculus rufulus.

A parte cryptogamica não tem sido posta de parte e creio que em pouco tempo será publicado o catalogo, elaborado por um botanico allemão, a quem mandei toda a

collecção. Os cogumelos estão a cargo do Barão de Thumen e os que eu tenho desenhado tem sido classificados pelo Snr. Berkeley.

O herbario do Willkomm é que nos deve prestar um grandissimo auxilio para o estudo da nossa flora. Espero receber a primeira parte (acotyledoneas, monocotyledoneas e dicotyledoneas monopetalas) no principio do mez que vem. Estou certo de que a Faculdade nunca se opporá a que eu empreste a V. Ex.ª o que V. Ex.ª desejar consultar d'este herbario.

Poderemos assim fazer serviço regular e bem necessario. O que conviria muito era dar tambem ao ensino uma feição bastante pratica. Eu tenho-me dado bem com isso. Os meus discipulos formam herbarios muito regularmente, herborizam com bastante assiduidade e alguns ha dos cursos passados que continuam formando collecções. Um tem um herbario de m.ª de 600 especies e que nos acompanha sempre nas herborizações.

V. Ex.ª poderia ahi conseguir resultados eguaes e no Instituto agricola muito mais talvez, dando agronomos que m.ª tarde seriam correspondentes, que teriamos nos diversos districtos.

Lembre V. Ex.ª isto ao respectivo professor. Talvez assim se consiga alguma cousa.

Eu tenho muita fé e muita esperança na transformação do nosso ensino de theorico, que é ou tem sido em pratico.

Desculpe-me V. Ex.ª de tão longa carta. Espero que a receba como conversação amigavel entre nós.

Brevemente escreverei a V. Ex.ª pedindolhe que patrocine uma pequena subscripção que brevemente se abrirá p.ª pagar uma grande divida.

Pelo meu Am.º Jose Julio Rodrigues envio a V. Ex.ª um exemplar do catalogo do Jardim, ultimamente publicado.

Tem muitos defeitos. Considero-o mesmo mais como um ensaio, do que como catalogo definitivo. Era porem indispensavel para muitos trabalhos do Jardim e por isso creio que é, apezar de m.to defeituoso, alguma cousa util.

Se eu chegar a fazer outro, conto que o farei melhor.

Desejo a saude de V. Ex.ª e espero que disporá do que é

De V. Ex.ª Am.º m.to obg.º

Coimbra, 14.5.79.

Julio A. Henriques

Ex.mo Snr

Da Veronica lusitanica tenho um exemplar m.to máo, pertencente ao herbario, que comprei ao Duarte de Sá.

Já mandei procura-l'a no sitio indicado por Brotero, mas não foi encontrada. Amanhã vou eu m.mo com o jardineiro e outro empregado dar caça em forma e se a encontrar, manda-l'a hei pelo correio.

Qualquer outra cousa que V. Ex.ª deseje será procurada, se eu a não tiver. Farei sempre todos os esforços p.ª satisfazer os pedidos de V. Ex.ª.

Agradeço as palavras lisongeiras que me diz em relação ao catalogo. Tem elle ainda m.tas imperfeições, que pouco a pouco irei corrigindo.

De V. Ex.ª att.º v.or e C.do

C. 3.6.79.

Julio A. Henriques

Ex.mo Snr.

É de crêr que no primeiro conselho o Snr. Director da Escola apresente a circular convidando os professores para subscrever para o monumento ao Brotero.

Conto com o auxilio de V. Ex.ª para que todos os collegas de V. Ex.ª subscrevam. É uma divida de respeito, que deve ser paga, e espero que o será.

Agradeço a V. Ex.ª o auxilio que de certo prestará e queira V. Ex.ª dispor do que é com toda a consideração

De V. Ex.ª Am.º Att.º Obg.º

C. 26.7.79.

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr.

Voltando de Buarcos, onde estive durante o mez d'Agosto, encontrei o folheto de V. Ex.^a^ contendo as Scrophularineas. Agradeço muito especialmente este obsequio.

Muito depois de V. Ex.^a^ me ter escripto em relação á *V. Teucrium*, veio de Bragança o Ferreira, que encontrou alguns exemplares. Mando hoje um a V. Ex.^a^ e no lugar competente procurarei m.^a^ nas proximidades de Coimbra, mas sem grandes esperanças de a encontrar.

Recebi na 2.^a^ feira uma caixa com plantas africanas. São 562, que já estão no Herbario.

Renovo o meu pedido em relação ao monumento ao Brotero. Agora no principio do anno será facil fazer a subscripção. O Snr. Bocage tambem prestará auxilio. Da Polytechnica do Porto já recebi.

Desculpe-me V. Ex.^a^ todas as minhas faltas e disponha do que é

De V. Ex.^a^ Am.^o^ M.^to^ Obg.^o^

C. 11.9.79.

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr.

O professor Hackel, que viajou em 1876 em Portugal e que estuda em especial as gramineas, vae começar brevemente um trabalho sobre as gramineas de Portugal, fundando-se principalmente em exemplares que lhe tenho mandado. Pergunta-me elle se as plantas de Welwitsch aí foram catalogadas e pede-me a parte do catalogo relativa ás gramineas.

Como este catalogo está por fazer e lembrando-me, que talvez V. Ex.^a^ desejasse concorrer para que esta publicação fosse bastante completa, dou-lhe parte d'isto. Se V. Ex.^a^ quizer communicar-lhe as gramineas portuguezas do herbario Welwitsch, pode enviar-lhe um exemplar de cada uma, com as indicações que houver.

Eu faço estas remessas pelo correio. A direcção é

a seguinte — M.r le prof. E. Hackel — St. Pölten — Basse-Autriche. V. Ex.ª resolverá o que melhor entender.

Tenho na Alfandega uma caixa com plantas, vindas de Munster (Westphalia) que não posso de lá tirar por lhe faltar o attestado do Consul relativo á phylloxera. Se V. Ex.ª quer tentar tira-l'a, pode entender-se com o Ernesto Jorge (casa de commissões) que tem os conhecimentos.

São plantas boas e bom era que podessem ser utilizadas.

De V. Ex.ª Am.º Obg.º

C. 1.10.79.

Julio A. Henriques

Ex.mo Snr

Em resposta á carta de V. Ex.ª tenho a dar as poucas notas seguintes:

Pyrus malus — não tenho.

» communis — dous fracos exemplares do Gerez e de Bragança.

Sorbus aucuparia L.

Gerez; Teixedello (pr. da Serra de Montorinho) S. da Estrella.

S. torminalis Crtz.

Serra de Rebordãos — Cabeço de S. Bartholomeo (pr. de Bragança).

S. Aria Crtz. — Guarda.

nome vulg. Mostageiro.

Amelanchier vulgaris Mnch.

Gerez; Sabor (pr. de Bragança)

Indico-lhe tambem a Alchemilla comum e coprioides R. Sch. que talvez não tenha. Foi colhida em Bragança.

A Potentilla montana Brot. foi encontrada nas proximidades de Coimbra e em Cabeceiras de Basto.

Não se esqueça do Brotero. A Polytechnica do Porto já subscreveu e em Lisboa a E. medico cirurgica foi admiravelmente briosa. Lembre pois aos seus collegas a subscripção, p.ª ver se se consegue o resultado desejado.

Em relação ás gramineas, se deseja que o Hackel as examine, é melhor fazer o que eu fiz—mandar-lhe um exemplar de cada especie ou variedade numerados e elle faz a determinação. O q̃ é indispensavel p.ª o trabalho que elle vae fazer é a indicação das local.des

Recebeo um pequeno livro que lhe mandei?

Desejo-lhe muita saude e que disponha do que é

De V. Ex.ª Am.º Obg.º

15.10.79.

Julio A. Henriques

Ex.mo Snr

Por carta que recebi do D.r Bocage, sei que VEx.ª espera tratar da subscripção p.ª o monumento ao Brotero. Já tinha eu pedido a VEx.ª a sua coadjuvação e hoje de novo renovo o meu pedido.

No que VEx.ª mt.º me obsequeia é em me fazer conhecer o resultado da subscripção, logo que esta se realize, por que é indispensavel saber com que se poderá contar p.ª ver o que se poderá fazer.

Creio que já disse a VEx.ª que a Universid.e, a Escola polytechnica do Porto e alguns Lyceus tem dado um dia de ordenado.

Na coordenação do herbario do jardim alguma cousa poderei separar para a Escola. Presentemente está-se já fazendo uma collecção de gramineas, que foram determinadas pelo prof. Hackel, de St. Polten e cujo catalogo elle vae publicar.

Não sei se VEx.ª chegou a mandar-lhe algumas gramineas da collecção Welwitsch. Ficaria o catalogo mais completo.

Desejo a saude de VEx.ª e espero que disporá do que é

De VEx.ª Am.º e C.do Obg.º

Coimbra. 8.12.79.

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr

O catalogo das Gramineas feito pelo Prof. Hackel vae ser impresso muito brevemente e mais tarde receberá um exemplar. Por agora receberá por via do meu Am.° Pereira Coutinho (do Instituto agricola) uma collecção de gramineas, eguaes ás que serviram para a confecção do catalogo.

Não mandei de todas, por não ter exemplares sufficientes.

É de crêr que no herbario Welwitsch tenha de tudo; apezar d'isso parece-me d'algum valor esta collecção pelo facto de se referir a uma publicação feita por um homem competente.

Estimarei que lhe seja agradavel.

Aproveito a occasião para lhe perguntar se deseja alguns exemplares grandes de *Pandanus utilis*. Tenho alguns e posso dispensar parte d'elles. Se VEx.ª os quizer para a estufa da Escola, recebe-los-ha, logo que queira.

Que noticias me dá da subscripção da Escola para o monumento do Brotero?

De Lisboa ate hoje só recebi do Instituto agricola e consta-me que a Escola medico-cirurgica concorre com avultada soma.

Do Porto falta apenas o Lyceo.

Apezar de tudo, falta ainda bastante para o que será necessario.

VEx.ª obsequeia-me dizendo-me o que a Escola tiver resolvido a este respeito.

De VEx.ª Am.° Att.° e Obg.°

Coimbra. 28.1.80.

Julio A. Henriques

Ex.^mo^ Snr

Terminei agora o arranjo das plantas, que se dignou mandar p.ª o nosso herbario. Sam 323 especies, d'algumas das quaes ainda não tinha exemplares.

Agradeço muito cordealmente este presente.

Como a grande maioria das especies não traz indicado o logar onde foi colhida, peço licença a VEx.ª para pedir ao Ant.º Ricardo aquella indicação ao passo que me fôr necessaria p.ª a catalogação regular do herbario.

Creio que VEx.ª receberia a collecção de gramineas, que mandei para a Escola, bem como o Catalogo ultimamente publicado.

Desejo a saude de VEx.ª e espero que disporá do que é com m.ta consideração

De VEx.ª Am.º Obg.º

Coimbra. 1.6.80.

Julio A. Henriques

Lisboa, 19 de Junho de 1880.

Meu caro Collega

Recebi a sua carta, mas não é facil satisfazer ao seu justissimo pedido. A maior parte dos duplicados de Welwitsch, não tinham indicação de localidades; todas as localidades que foram se referem aos proprios exemplares que acompanhavam.

Posso mandar-lhe as localidades que constam do herbario geral, e aonde se sabe — pela indicação Welwitschiana, que a especie existe, não havendo porem absoluta certeza de que se refiram ao proprio exemplar que lá tem. Este trabalho vou mandar fazer, e suppre a lacuna que me nota, que eu já notára tãobem; mas não a suppre com o rigor, que seria para desejar.

Para a semana receberá uma remessa de plantas Welwitschianas da Africa.

Muito desejaria receber alguns duplicados Wilkomm. Será possivel ?

Envio-lhe pelo correio trez exemplares de um trabalho que publiquei, pedindo-lhe o favor de entregar um ao

Visconde de Villa Maior, e outro na Bibliotheca da Universidade.

Creia-me caro Collega

Am.° ver.° e mt.° obg.°

Ficalho

Ex.mo Snr

Recebi a carta de VEx.ª e ao m.mo tempo os tres exemplares da Flora dos Lusiadas, que muito agradeço a VEx.ª. Ainda não tive occasião de levar ao Snr. Visconde de Villa Maior o exemplar que lhe pertence, mas brevemente o farei.

Agradeço as notas prometidas em relação aos exemplares do herbario Welwitsch.

Em tempo mandei a VEx.ª uma collecção de gramineas do herbario do Jardim e espero que brevemente poderei mandar mais algumas plantas.

Em relação aos duplicados do herbario Willkomm devo dizer a VEx.ª que ha uma condição apresentada pelo vendedor antes da venda e que consiste na conservação do herbario tal como fosse recebido, sem m.mo se intercallar ou de o intercallar n'outro. Eu que afirmei ao Willkomm que cumpriria esta clausula, não desejo faltar ao que prometti. VEx.ª para uma difficuld.e poderá utilizar-se d'ele q.do isso lhe fôr necessario.

Desejo a saude de VEx.ª e sou

De VEx.ª C.do Att.° Obg.do

C. 23.6.80.

Julio A. Henriques

Ex.mo Snr

Desejando dar algum interesse ao relatorio, que tenho de apresentar a Sociedade de Geographia, é plano meu mencionar as explorações feitas na Serra da Estrella e dar o catalogo mais completo da flora d'aquella região.

No herbario da Escola deve haver as plantas que o D.r Welwitsch lá colheo, bem como as que colheo o Ant.º Ricardo.

Conto com o auxilio de VEx.ª e estou certo que me obsequiará em nome da Sociedade de Geographia, dando as notas que podem ser extrahidas do herbario.

Estas notas devem indicar o anno e mez da exploração e os logares percorridos, bem como o nome das especies colhidas.

Conheço a difficuld.e do trabalho, mas estou certo que tanto o A. Ricardo como o J. Daveau, a quem eu já tinha pedido isto, julgando que VEx.ª estava ainda em França, de boa vontade o executarão.

Certo do deferimento do meu pedido desde já agradeço a VEx.ª.

De VEx.ª Am.º att.º e obg.º

Buarcos. 19.9.81.

Julio A. Henriques

Coimbra, 9 de dezembro de 1881

Ex.mo Snr

Por carta que recebi do Prof. Oliver de Kew sei que foi enviado para a Escola Polytechnica com outros objectos um pacote de plantas seccas destinadas para o herbario d'este jardim botanico. Obsequeia-me VEx.ª dando as ordens necessarias para me ser enviado o tal pacote.

Peço desculpa do incomodo que dou e queira VEx.ª dispor do que é

De VEx.ª Am.º att.º e obg.º

Julio A. Henriques

Coimbra, 28 de dezembro de 1881

Ex.^mo^ Snr

Recebi hontem as plantas do Snr J. Ball e agradeço a VEx.ª a remessa d'ellas.

Mandarei a VEx.ª alguns exemplares d'Orobus de Portugal. Como penso as Leguminosas ainda estão quasi por estudar, demorarei a remessa algum tempo, ainda que não m.^to^. Por emquanto prende-me a Serra da Estrella.

É possivel que mande um exemplar q.^do^ mandar ao Daveau e Ant.° Ricardo as plantas da Socied.^e^ Broteriana.

Desejo a saude de VEx.ª e espero que disporá do que é

De VEx.ª Am.° Att.° e Obg.°

Julio A. Henriques

Coimbra, 22 de dezembro de 1882

Meu caro Am.°

O Snr. Moller mostrou-me o seu bilhete com relação ao Pterospartum tridentatum da Serra. Os exemplares que aqui encontro são colhidos pelo Fonseca e sem designação de localid.^e^. Examinei-os e não me parece que seja o P. cantabricum, apezar das pequenissimas differenças que deram ao Spach a idea da separação das duas especies.

O relatorio da Serra da Estrella creio que chegará a ser publicado em 1884 ou m.^s^ tarde, apezar de estarem desfeitas todas as duvidas que havia na Imprensa. Se uma vez por outra poder perguntar na Imprensa nacional se me mandaram provas e se andam com esse serviço não será máo.

Obsequeia-me dizendo ao Snr. Conde de Ficalho, que me faz bom favor se mandar q.^to^ antes a nota que me offereceu p.ª o Boletim da nossa Socied.^e^, que já entrou em composição.

Consegui um manuscripto m.to curioso do Tournefort. Vem n'elle perfeitamente indicada a viagem feita em Portugal e as plantas que elle colheo. Tenho de fazer uma nota ao relatorio da Serra para mencionar os trabalhos que lá fez aquelle botanico.

Seu Am.º Att.º e V.r
Julio A. Henriques

P. S. Perguntou ao Snr. D.r Mattoso pelo livro de Photographia que me prometteo ?

NOTA. — Esta carta, dirigida a JULES DAVEAU, foi encontrada entre as endereçadas ao CONDE DE FICALHO. Tem à margem letra de DAVEAU.

Coimbra, 12 de Agosto de 1883

Ex.mo Snr

Não agradeci ainda a VEx.ª o seu valioso livro sobre plantas d'Africa, que em tempo recebi. Conto que elle me auxiliará bastante na coordenação das madeiras africanas, que aqui tenho. Espero que V. Ex.ª me desculpará de tão tarde cumprir o meu dever.

Desejando larga vida ao Boletim da Soc. Brot. ouso pedir a VEx.ª que prepare alguma cousa para elle. É um jornal modesto, mas é o unico portuguez no genero e bem desejava ali dar trabalhos que concorressem para lhe dar nome. VEx.ª pode muito bem auxiliar-me n'este intento.

O meu ex-discipulo Jose d'A. Guimarães, que tem tido muito boa vontade de trabalhar pede-me que o apresente a VEx.ª para conseguir licença para trabalhar á vontade no herbario da Escola. Elle apresentará a VEx.ª um bilhete meu.

Este rapaz pode fazer alguma cousa por que é trabalhador e inteligente.

Espero que VEx.ª me desculpará de tanto o importunar e que disporá do que é

De VEx.ª C.do e Am.º Obg.º
Julio A. Henriques

Coimbra, 20 de dezembro de 1884

Ex.^mo Snr

O botanico brasileiro J. Barbosa Rodrigues em carta que me escreveu no verão pede-me para dizer a VEx.ª que não tinha recebido ainda o diploma de socio da Academia real das sciencias.

Desejo escrever-lhe e peço por isso a VEx.ª o especial obsequio de me dizer se o diploma já terá sido expedido, para assim lh'o communicar.

De VEx.ª C.^do e Am.^o obg.^do

Julio A. Henriques

Coimbra, 5 de outubro de 1885.

Ex.^mo Snr

Como VEx.ª sabe as Cyperaceas do herbario de Welwitsch foram estudadas e publicadas por H. Ridley nas Trans. of the Linn. Soc.

Desejo muito ver as plantas e melhor ainda, se isso fosse possivel ter exemplares.

Obsequeia-me VEx.ª de qualquer dos modos — ou emprestando-me as cyperaceas para eu aqui as confrontar com o trabalho de Ridley e com algumas plantas colhidas na Huilla — restituindo tudo, ou ficando com duplicados se VEx.ª me auctorizar para isso ou mandando-me unicamente os exemplares que possam ser dispensados, com os n.^os correspondentes.

De qualquer destas formas me obsequeia VEx.ª.

Hoje tomo a liberdade de enviar a VEx.ª um pequeno livro que publiquei com o fim de obrigar os meus discipulos a descrever as plantas durante o curso. Estimarei que elle possa ter alguma utilidade para os discipulos de VEx.ª.

De VEx.ª Am.^o e C.^do Obg.^o

Julio A. Henriques

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO

Coimbra, 7 de Novembro de 1887.

Ex.^mo^ Snr

Enviei hoje para o herbario da Escola uma collecção quasi completa das cryptogamicas vasculares, gymnospermicas e monocotyledoneas de S. Thomé.

Mais tarde farei nova remessa esperando que a Escola ficará com collecções completas destas plantas.

Brevemente começarei com as dicotyledoneas.

Mais tarde enviarei as cryptogamicas cellulares, logo que possa por tudo isso em ordem.

Espero que VEx.ª ficará satisfeito com esta remessa.

De VEx.ª C.^do^ Obg.^o^

J. A. Henriques

Coimbra, 7 de fevereiro de 1889.

Ex.^mo^ Snr

Recebi hontem as plantas d'Africa, trazidas pelo P.^e^ Antunes e que VEx.ª queria enviar-me. Eu já tinha escripto ao Snr. Daveau, dizendo que era melhor ellas ficarem ahi.

Agradeço muito a VEx.ª o ter enviado todas estas plantas. Já vi parte d'ellas e encontrei muitos exemplares repetidos. Vou hoje proceder á mudança de papel e serão depois sujeitas ao sulfureto de carbono p.ª as limpar dos insectos. Enviarei depois a VEx.ª exemplares de todas as especies.

Tenho já bastante adiantado o trabalho de determinação das dicotyledoneas polypetalas de S. Thomé, para o que não tenho tido pequena difficuldade apezar de ter bastantes livros. No estudo do resto das monocotyledoneas ainda as difficuldades serão maiores.

Desejo a saude de VEx.ª e queira dispor do que é

De VEx.ª C.^do^ e A.^dor^ Obg.^do^

J. A. Henriques

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XV

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico

COIMBRA

1949

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XV

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

COIMBRA

1949

Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt.ª — Alcobaça

SESSÕES
DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 22 de Janeiro de 1949

Presidência da Ex.mo Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.mo Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1948. Esse relatório é do teor seguinte:

«Mais uma vez me encontro aqui para vos dar conta da actividade da nossa agremiação durante o ano que passou. Se é certo que não tenho grandes factos a assinalar, não deixa, porém, de ser motivo de satisfação para mim poder comunicar-vos que a vida da Sociedade decorreu dentro da maior normalidade, tendo-se atingido a maior parte dos objectivos que se tinham em vista.

«Consciente da grande importância que as publicações possuem para a vida da Sociedade, a Direcção continuou a dedicar-lhes o melhor do seu esforço, conseguindo editar o número XIV do Anuário, o volume IV das Memórias e o volume XXII do Boletim. O primeiro encerra valiosos documentos do maior interesse para o conhecimento da história da Botânica em Portugal, coligidos pelo Ex.mo Sr. Prof. Dr. RUY TELLES PALHINHA. Gostosamente aproveito o ensejo para manifestar a este nosso prestimoso consócio o profundo reconhecimento da Direcção pela notável colaboração que se dignou conceder-lhe. O volume das Memórias encerra os resultados das herborizações efectuadas em Vendas Novas nas primaveras de 1946 e 1947. O Boletim, finalmente, além de trabalhos de citologia, insere os resultados das herborizações levadas a efeito na primavera de 1947 na região de Vila Viçosa. Tanto as explorações na região de Vendas Novas como na de Vila Viçosa foram realizadas sob a égide do Con-

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

selho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, sendo extremamente grato para a Direcção deixar aqui exarados os seus agradecimentos ao aludido Conselho pelo valioso auxílio prestado ao Instituto Botânico, e que, indirectamente, tanto veio animar a vida da Sociedade.

«Para a publicação do volume XXII do Boletim, muito contribuiu um subsídio de 5.000$00 concedido pelo Instituto para a Alta Cultura. Agradecemos, pois, reconhecidamente, a esta prestimosa Instituição a ajuda que mais uma vez se dignou dispensar-nos.

«No Herbário do Instituto Botânico continuou o estudo do material enviado pelos sócios. Nesse material, destaca-se a esplêndida colecção realizada pelo Ex.mo Sr. P.e António de Barros Carneiro, cujas novidades serão dadas a conhecer no decurso do ano que agora se iniciou.

«A Direcção continuou a ocupar-se da regularização das suas relações com as Instituições estrangeiras congéneres, tendo a satisfação de vos anunciar que, no decurso do ano transacto, se receberam na biblioteca cerca de 1500 volumes.»

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1948, existia em caixa um saldo de 7.015$30.

O Dr. Abílio Fernandes diz que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propõe que a Direcção seja autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.mos Srs. Drs. Aloísio Fernandes Costa e Virgílio da Rocha Diniz.

Resolveu, também, manter em 2$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1949, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 22 de Janeiro de 1949

Presidência do Ex.mo Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continue a cargo do Ex.mo Sr. Dr. Abílio Fernandes;

b) Manter a comissão de redacção do Anuário;

c) Solicitar do Instituto para a Alta Cultura um subsídio que permita fazer face às despesas da publicação das revistas da Sociedade;

d) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão do seguinte

NOVO SÓCIO

Dr. Jayme Dagoberto de Mello Freitas, Juiz Desembargador aposentado, Aveiro.

HERBORIZAÇÕES NOS DOMÍNIOS DA FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA

III — VENDAS NOVAS (2.ª lista)

por

A. FERNANDES e ROSETTE FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

O Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, no elevado intuito de fomentar a Ciência portuguesa, auxiliou poderosamente o Instituto Botânico da Universidade de Coimbra durante os anos de 1946 e 1947, tornando possível a realização de duas extensas explorações botânicas, efectuadas nas propriedades que a Fundação possui em Vendas Novas e Vila Viçosa. Os resultados obtidos nessas explorações foram publicados nos trabalhos anteriores desta série (1).

Graças às facilidades que o referido Conselho se dignou continuar a conceder ao Instituto Botânico, no que respeita a instalações e a transportes dentro dos domínios da Fundação, foi possível aos Autores efectuar mais algumas herborizações nas propriedades de Vendas Novas, durante os meses de Setembro de 1948 e Abril de 1949. Damos aqui notícia das plantas coligidas no decurso dessas explorações e que não tinham sido herborizadas nas excursões de 1946 e 1947.

Para maior facilidade de consulta, as espécie são dispostas segundo a ordem da Flora de Portugal de PEREIRA COUTINHO (2.ª ed., 1939). Seguimos também a nomenclatura

---

(1) A. FERNANDES, J. GARCIA e ROSETTE FERNANDES — Herborizações nos domínios da Fundação da Casa de Bragança I — Vendas Novas, *Mem. Soc. Broteriana*, IV, 1948.

A. FERNANDES e ROSETTE FERNANDES — Herborizações nos domínios da Fundação da Casa de Bragança II — Vila Viçosa, *Bol. Soc. Broteriana*, XXII (2.ª sér.), 1948, p. 17-96.

daquela obra, com as modificações que consideramos convenientes.

Agradecemos, reconhecidamente, ao Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança o auxílio que nos prestou e que tornou possível a elaboração deste trabalho.

PLANTAS HERBORIZADAS

EQUISETACEAE

EQUISETUM L.

Equisetum ramosissimum Desf. var. **subverticillatum** A. Br.

Ribeira de Canha pr. ponte da Ameira.
Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.

GRAMINEAE

ECHINOCHLOA Beauv.

Echinochloa Crus-galli (L.) R. et Sch.

Fonte do Barranco da Malhada das Vacas.
Valas e arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

Echinochloa Crus-galli (L.) R. et Sch. var. **aristata** Rchb. forma **longiseta** (Döll.) P. Silva.

Valas e arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

PANICUM L.

Panicum repens L.

Hortas dos empregados da Casa de Bragança.

HOLCUS L.

Holcus lanatus L.

Valas pr. Adegas.

MOLINIA Schrank

Molinia coerulea (L.) Moench

Entre Adegas e Barranco da Malhada das Vacas.

Esta espécie parece ter sido pouco herborizada ao sul do Tejo, porquanto no Herbário do Instituto Botânico de Coimbra existem sòmente os seguintes espécimes colhidos

nessa região do país: Arredores do Barreiro, Coina, 9-1881, *J. Daveau* s. n., COI.; Arredores do Seixal, Fernão Ferro, 6-1892, *J. Daveau* s. n., COI.; Setubal, charnecas e junto às salinas, 8-1900, *A. Luisier* s. n., COI.

ROZEIRA (A Flora da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, *Mem. Soc. Broteriana*, III, 1944, p. 59) cita um exemplar colhido pelo Rev. P.e MIRANDA LOPES em Vimioso, e MENDONÇA e VASCONCELLOS (Contribuïções para a topografia florística da região duriense II, *Anais Inst. Vinho Pôrto*, 1944) citam um outro dos arredores de Murça. Nestas condições, a área indicada por COUTINHO e SAMPAIO, do Minho ao Alentejo, deverá alargar-se a Trás-os-Montes.

BROMUS L.

Bromus tectorum L.

Margens da estrada da Ameira.

CYPERACEAE

CYPERUS L.

Cyperus Eragrostis Lam. (fig. 1).

Valas dos campos das Adegas.

Esta espécie é considerada por COUTINHO como subespontânea na Beira e Estremadura. SAMPAIO, que a designa pelo nome de *C. depressus* Moench, atribui-lhe como *habitat* em Portugal os terrenos frescos do Norte e Centro. PINTO DA SILVA (*De Flora Lusitana Commentarii*, fasc. IV, 1948) corrige a Flora de COUTINHO no que respeita ao facto de esta espécie ser vivaz e não anual e refere que a encontrou no Ribatejo (Golegã, entre as estações de Mato Miranda e de Torres Novas, pr. da «caseta do Vale da Negra», não longe do rio Almonda).

C. Eragrostis Lam. foi por nós herborizado mais para o sul, na região de Vendas Novas, onde verificámos que ocorria com alguma abundância nas valas dos campos junto das Adegas.

No Herbário do Instituto Botânico existe um espécime colhido nas vizinhanças do Porto (1879, *F. Newton* 617,

Fig. 1. — *Cyperus Eragrostis* Lam.
Exemplar herborizado nas valas dos campos das Adegas
da Casa de Bragança.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

COI.), citado já por MENDONÇA e SOUSA (*Bol. Soc. Broteriana*, VIII, 2.ª sér., 1933, p. 142), o que mostra que, de acordo com SAMPAIO, a espécie também habita no Norte do país.

Cyperus difformis L. (fig. 2).

Fonte do Barranco da Malhada das Vacas.
Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.
Valas e arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

COUTINHO indica as seguintes localidades para esta espécie: Coimbra (S. Fagundo), Abrantes, Coina e Coruche. A elas devem agora juntar-se as acima referidas, bem como as de Benavente (ROTHMALER e PINTO DA SILVA in *Agronomia Lusitana*, I, 1939, p. 249), Alcácer do Sal (Pinheiro) e Cartaxo.

Espécimes: Rizières de Pinheiro (Concelho d'Alcácer), 15-9-1880, *J. Daveau* s. n., COI. (1); Cartaxo, 9-1938, *Duarte Benavente* s. n., COI.

Cyperus fuscus L. forma **virescens** (Hoffm.) Vahl

Fonte do Barranco da Malhada das Vacas.
Canafecheira: leito da ribeira de Canha.

Cyperus flavescens L.

Fonte do Barranco da Malhada das Vacas.
Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.

SCIRPUS L.

Scirpus mucronatus L.

Fonte do Barranco da Malhada das Vacas.

FIMBRISTYLIS Vahl

Fimbristylis dichotoma (L.) Vahl

Canafecheira: leito da ribeira de Canha.

(1) Exemplar citado por MENDONÇA e SOUSA (*l. c.*, p. 152).

Segundo COUTINHO, esta ciperácea é pouco abundante em Portugal e tem sido encontrada ùnicamente na Beira, Estremadura, Baixas do Sorraia e Alentejo Litoral. PINTO DA SILVA (Notas soltas sobre a flora portuguesa, *Agronomia Lusitana*, II, 1940, p. 229) refere um exemplar colhido pelo Dr. J. PINTO LOPES nas margens do Guadiana, próximo de Elvas. O aparecimento desta espécie na região de Vendas Novas mostra que ela existe em maior número de localidades do Alto Alentejo do que os dados anteriores permitiam supor.

CAREX L.

Carex longiseta L.

Margens da ribeira de Canha, na Canafecheira.

Carex hispida Willd.

Vale do Arneiro, próximo da estrada.

JUNCACEAE

JUNCUS L.

Juncus effusus L. var. **longibracteatus** nob. n. var. (fig. 3).

Differt a typo bractea infima longiore, 25 usque 45 cm. longa.

Typus in Herbario Instituti Botanici Universitatis Conimbrigensis (leg. *J. Matos* s. n., 25-5-1947).

Habitat in pratis humidis, loco dicto *Barranco da Malhada das Vacas* pr. Vendas Novas in Transtagana.

LUZULA DC.

Luzula Forsteri (Sm.) DC.

Margens da ribeira de Canha, na Canafecheira.

Luzula campestris (L.) DC. var. **genuina** Cout.

Margens da Ribeira de Canha, na Canafecheira.

Fig. 2. — *Cyperus difformis* L.
Espécime colhido nos arrozais que marginam a ribeira de Canha entre Canafecheira e Vale de Boi.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

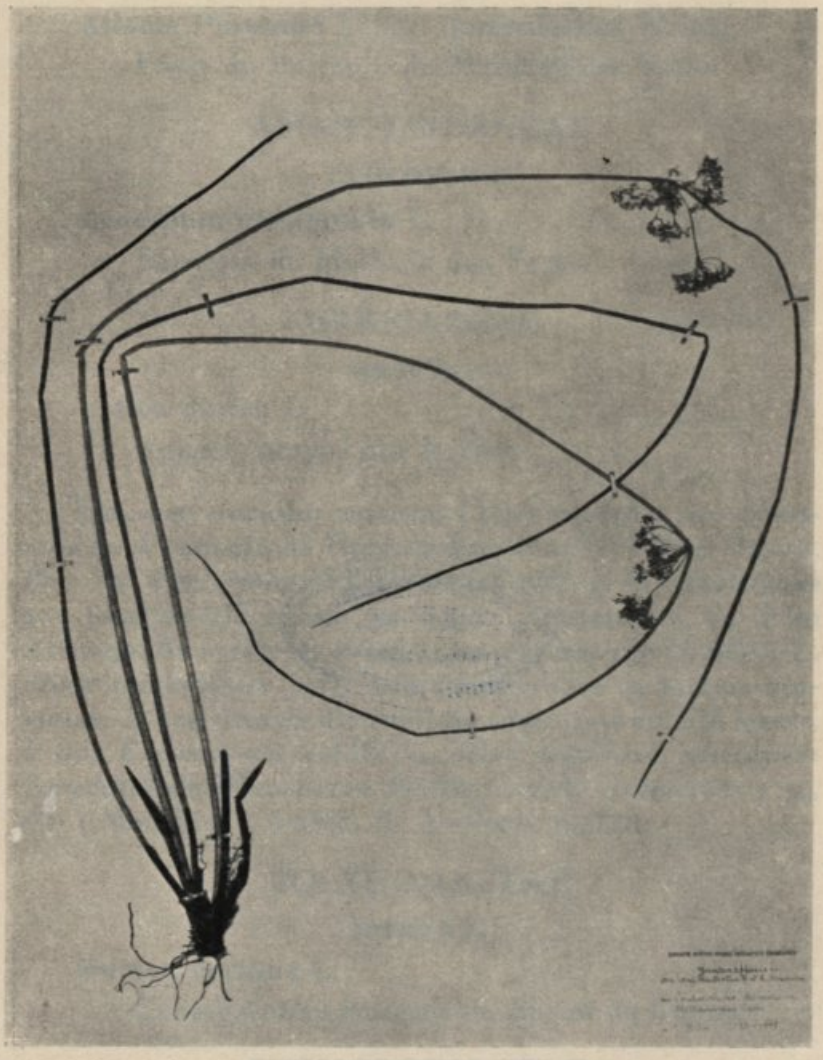
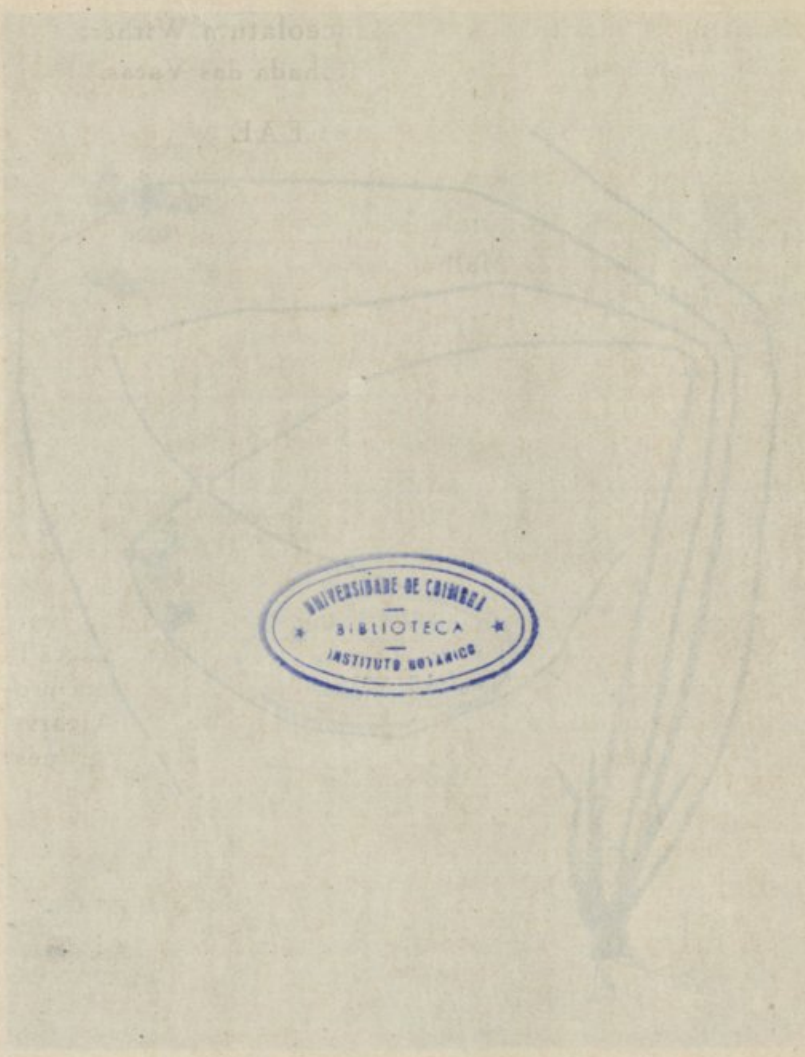


Fig. 3. — *Juncus effusus* L. var. *longibracteatus* A. et R. Fernandes.
Exemplar-tipo do Barranco da Malhada das Vacas.


UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

ALISMATACEAE

ALISMA L.

Alisma Plantago L. var. **lanceolatum** Wither.

Fonte do Barranco da Malhada das Vacas.

AMARYLLIDACEAE

LEUCOJUM L.

Leucojum autumnale L.

Barranco da Malhada das Vacas.

URTICACEAE

URTICA L.

Urtica dioica L.

Valas e campos das Adegas.

Em um trabalho anterior (Herborizações nos domínios da Fundação da Casa de Bragança II — Vila Viçosa, *Bol. Soc. Broteriana*, XXII, 2.ª sér., 1948, p. 48) mostrámos que esta espécie habita na região montanhosa do Alto Alentejo. As presentes observações revelam que *U. dioica* L. existe também na parte não montanhosa da mesma província. A sua área de distribuição estende-se até o Algarve, o que é posto em evidência pelos seguintes espécimes: Arredores de Monchique, 8-1882, *J. d'A. Guimarães* s. n., COI.; Monchique, 5-1888, *A. Moller* s. n., COI.

POLYGONACEAE

RUMEX L.

Rumex crispus L.

Canafecheira: margens da ribeira de Canha.

CHENOPODIACEAE

BETA L.

Beta vulgaris L. subsp. **perennis** (L.) A. et Gr. var. **maritima** L.

Junto à vinha da Casa de Bragança.

ATRIPLEX L.

Atriplex hastata L.

Sebes pr. Casa de Bragança.
Valas dos campos das Adegas.

AMARANTHACEAE

AMARANTHUS L

Amaranthus hypochondriacus L.

Campos cultivados pr. Casa de Bragança.

Amaranthus chlorostachys Willd.

Campos cultivados pr. Casa de Bragança.

Amaranthus albus L.

Campos cultivados pr. Casa de Bragança.

CARYOPHYLLACEAE

POLYCARPON Loefl.

Polycarpon tetraphyllum L. var. **vulgare** Willk.

Taludes das valas entre Canafecheira e Vale de Boi.

RANUNCULACEAE

DELPHINIUM L.

Delphinium peregrinum L. subsp. **halteratum** (Sibth. et Sm.)

Margens do caminho entre Canafecheira e Vale de Boi.

CRUCIFERAE

HIRSCHFELDIA Moench

Hirschfeldia incana (L.) Lagrèze-Fossat

Junto ao caminho, na Canafecheira.
Margens do caminho entre Canafecheira e Vale de Boi.

Coutinho considera esta espécie como bienal, enquanto que Sampaio a dá como bienal ou vivaz. Os exemplares por nós herborizados eram nìtidamente vivazes, o que mostra que, de harmonia com Sampaio, as plantas desta espécie podem viver mais de dois anos.

DIPLOTAXIS DC.

Diplotaxis virgata (Cav.) DC.

Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.

ROSACEAE

ROSA L.

Rosa micrantha Sm.

Canafecheira: margens da ribeira de Canha.

Em um trabalho anterior (*l. c.*, p. 60) assinalámos que esta roseira habita na região montanhosa do Alto Alentejo (Serra de Ossa). As presentes observações mostram que a espécie vive também na zona não montanhosa da mesma província.

SANGUISORBA L.

Sanguisorba minor Scop.

Entre Canafecheira e Vale de Boi.

PAPILIONACEAE

MEDICAGO L.

Medicago hispida Gaertn. subsp. **polygira** Urb. var. **aculeata** Urb.

Leito da ribeira de Canha, na Canafecheira.

MELILOTUS Adans.

Melilotus segetalis (Brot.) Ser.

Margens da ribeira de Canha, na Canafecheira.

ANTHYLLIS L.

Anthyllis Gerardi L.

Taludes das valas dos arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

LOTUS L.

Lotus castellanus Boiss. et Reut.

Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.
Taludes das valas entre Canafecheira e Vale de Boi.

VICIA L.

Vicia lutea L. var. **laevigata** (Sm.) Boiss.

Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.

ZYGOPHYLLACEAE

TRIBULUS L.

Tribulus terrestris L.

Quinta do Peceguciro pr. Casa de Bragança.

POLYGALACEAE

POLYGALA L.

Polygala vulgaris L.

No limite do Polígono da Escola Prática de Artilharia com o Pinhal das Adegas.

EUPHORBIACEAE

EUPHORBIA L.

Euphorbia Welwitschii Boiss. et Reut.

Leito da ribeira de Canha.

ANACARDIACEAE

PISTACIA L.

Pistacia Lentiscus L. forma **genuina** Rouy

Encosta do Vale do Arneiro.

MALVACEAE

LAVATERA L.

Lavatera cretica L.

Valas e campos das Adegas.

HYPERICACEAE

HYPERICUM L.

Hypericum perforatum L. var. angustifolium DC.

Campos pr. Adegas.
Canafecheira: junto ao caminho.

Hypericum Helodes L.

Barranco da Malhada das Vacas.

TAMARICACEAE

TAMARIX L.

Tamarix anglica Webb

Leito da ribeira de Canha pr. ponte da Ameira.

LYTHRACEAE

LYTHRUM L.

Lythrum Salicaria L.

Valas dos campos das Adegas.

Lythrum Salicaria L. var. gracile DC.

Valas dos campos das Adegas.

AMMANNIA L.

Ammannia coccinea Rottb. (fig. 4).

Fonte do Barranco da Malhada das Vacas.
Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.
Valas e arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

Esta litrácea foi primeiramente encontrada em Portugal nos arrozais de S. Fagundo (Taborda de Morais in *Bol. Soc. Broteriana*, XI, 2.ª sér., 1936, p. 167) e mais tarde em

Taveiro e Vila Nova da Rainha — Queimado (J. de Carvalho e Vasconcellos in *An. Inst. Sup. Agronomia*, XI, 1940).

Na região de Vendas Novas, a espécie é muito abundante no leito da ribeira de Canha, bem como nos campos de arroz que a marginam. À invasão das regiões vizinhas parece fazer-se lentamente e com dificuldade, pois que apenas encontrámos um pequeno exemplar em uma localidade relativamente afastada da ribeira (Fonte do Barranco da Malhada das Vacas).

Distribuição: Beira Litoral, Ribatejo e Alto Alentejo.

ONAGRACEAE

EPILOBIUM L.

Epilobium parviflorum (Schreb.) Reichdt. var. **molissimum** (Welw.) Lévl.

Canafecheira: leito da ribeira de Canha.

UMBELLIFERAE

DAUCUS L.

Daucus Carota L.

Junto à Casa de Bragança.
Polígono da Escola Prática de Artilharia.
Campos das Adegas.
Pinhal das Adegas.
Barranco da Malhada das Vacas.

ERICACEAE

ERICA L.

Erica ciliaris L.

Entre Adegas e Barranco da Malhada das Vacas.

Erica arborea L.

Serra da Arriça: Barranco do Pereiro.

Erica mediterranea L.

Vale do Caco.

Fig. 4. — *Ammannia coccinea* Rottb.
Exemplares herborizados nos arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

PRIMULACEAE

ANAGALLIS L.

Anagallis linifolia L. var. **eulinifolia** Kunth
Pinhal das Adegas.

CONVOLVULACEAE

CONVOLVULUS L.

Convolvulus althaeoides L.
Pinhal das Adegas.

BORAGINACEAE

ANCHUSA L.

Anchusa granatensis Boiss.
Margens da ribeira de Canha, na Canafecheira.

LABIATAE

LYCOPUS L.

Lycopus europaeus L. var. **vulgaris** Cout.
Valas e arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

SATUREJA L.

Satureja Calamintha (L.) Scheele subsp. **silvatica** Briquet var. **calaminthoides** (Rchb.) Briquet
Canafecheira: margens da ribeira de Canha.

LAVANDÚLA L.

Lavandula Stoechas L. forma **leucantha** (Ging.)
Pinhal das Adegas.

A forma albina de *L. Stoechas* L. é conhecida desde há muito tempo (*v.* CHAYTOR in *J. Linn. Soc. London, Bot.*, LI, p. 153; ROZEIRA in *Publ. Inst. Bot. Gonçalo Sampaio*, XXXIX, 1949; etc.), tendo-lhe os autores atribuído a maior parte das vezes a categoria de variedade. A única citação desta forma para Portugal de que temos refe-

rência é a de Rozeira (A Flora da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, *Mem. Soc. Broteriana*, III, 1944), que menciona um exemplar herborizado em Carrazeda-de-Ansiães. O facto de já nos terem enviado algumas vezes «Rosmaninhos brancos» para o Jardim Botânico de diversos pontos do país, associado à ocorrência destas plantas em Vendas Novas, deixa presumir que a forma *leucantha* (Ging.) se encontrará disseminada em Portugal juntamente com o tipo.

Lavandula pedunculata Cav. forma **albicoma** Mend. et Vasc. (fig. 5).

Pinhal das Adegas.

As presentes observações mostram que a forma de coma branca desta espécie ocorre também no sul do país, devendo com ela acontecer o mesmo que o referido a propósito da forma *leucantha* de *L. Stoechas* L.

SCROPHULARIACEAE

VERBASCUM L.

Verbascum pulverulentum Villars

Canafecheira: margens da ribeira de Canha.

LINARIA Juss.

Linaria spartea (L.) Hoffgg. et Link var. **praecox** (Hoffgg. et Link) Lge.

Polígono da Escola Prática de Artilharia.

SCROPHULARIA L.

Scrophularia canina L. var. **pinnatifida** (Brot.) Boiss.

Pinhal das Adegas, no limite com o Polígono da Escola Prática de Artilharia.

CAMPANULACEAE

JASIONE L.

Jasione montana L.

Entre Canafecheira e Vale de Boi.

Fig. 5. — *Lavandula pedunculata* Cav. forma *albicoma* Mend. et Vasc.
Exemplar do Pinhal das Adegas.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO

COMPOSITAE

ERIGERON L.

Erigeron canadensis L.

Próximo da Casa de Bragança.

CONYZA Less.

Conyza crispa (Pourr.) Rupr.

Junto à Casa de Bragança.

Margens do caminho, entre Canafecheira e Vale de Boi.

GNAPHALIUM L.

Gnaphalium purpureum L.

Vendas Novas: junto à Casa de Bragança.

Canafecheira: margens da ribeira de Canha.

Esta espécie, cuja existência em Portugal foi por nós assinalada no 2.º trabalho desta série (*Bol. Soc. Broteriana*, XXII, 2.ª sér., 1948), foi herborizada, em 1946, na região de Vendas Novas (Vidigal e proximidades da ribeira de Canha). As presentes colheitas mostram que a espécie se encontra bastante difundida nesta zona do país, porquanto era frequente nas ruas e arredores da vila, bem como nas margens da ribeira de Canha. Segundo amável informação do Rev. P.e A. de Barros Carneiro, a espécie encontra-se já também largamente difundida na região de Santo Tirso.

INULA L.

Inula viscosa (L.) Ait.

Campos das Adegas.

Tanto Coutinho como Sampaio indicam para esta espécie a seguinte distribuição: Beira, Estremadura e Alentejo Litoral. As condições climáticas e edáficas de Vendas Novas são bastante semelhantes às do Alentejo Litoral, motivo por que não nos surpreendeu a sua ocorrência nesta região

do Alto Alentejo. Nesta província, porém, a espécie penetra mais para o interior, porquanto tivemos ocasião de a encontrar na região de Vila Viçosa (*v. Bol. Soc. Broteriana*, XXII, 2.ª sér., 1948, p. 25). A sua área de distribuição em Portugal é muito mais extensa do que a indicada por COUTINHO e SAMPAIO, pois que, além das províncias mencionadas por estes autores, a espécie habita também em Trás-os-Montes (*v.* ROZEIRA in *Mem. Soc. Broteriana*, III, 1944, p. 182 e MENDONÇA e VASCONCELLOS in *Anais Inst. Vinho Pôrto*, 1944, p. 194) e na Beira Baixa (*v.* MARIZ in *Bol. Soc. Broteriana*, IX, 1.ª sér., 1891). Sendo assim, a distribuição de *I. viscosa* (L.) Ait. em Portugal é a seguinte: Trás-os-Montes, Douro Litoral, (Arredores de Espinho: Silvade, 9-1886, *A. Moller* 267, COI.), Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo e Alentejo Litoral.

PULICARIA Gaertn.

Pulicaria uliginosa Hoffgg. et Link

Polígono da Escola Prática de Artilharia.
Campos das Adegas da Casa de Bragança.

Pulicaria dysenterica (L.) Gaertn.

Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.

BIDENS L.

Bidens frondosa L.

Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.
Valas dos arrozais entre Canafecheira e Vale de Boi.

Segundo COUTINHO, esta espécie, originária da América do Norte, habita na Beira Litoral, Beira Meridional, Estremadura e Alentejo Litoral. MENDONÇA e VASCONCELLOS (*l. c.*, p. 195) referem a sua ocorrência na Beira Alta. As presentes observações mostram que a sua distribuição é ainda mais vasta, pois que abrange também o Alto Alentejo. No herbário de Coimbra encontrámos dois espécimes (Arredores do Porto: Lavadores, 9-1881, *E.*

Johnston s. n., COI. (1); Arredores do Porto; Valladares, 9-1881, *E. Johnston* s. n., COI.) colhidos nos arredores do Porto. Nestas condições, a distribuição no país é, segundo os dados actuais, a seguinte: Douro Litoral, Beira Alta, Beira Meridional, Estremadura, Alto Alentejo e Alentejo Litoral.

ANTHEMIS L.

Anthemis mixta L.

Campos das Adegas.

ANACYCLUS L.

Anacyclus radiatus Loisel.

Campos das Adegas.

CARLINA L.

Carlina racemosa L.

Polígono da Escola Prática de Artilharia.

CIRSIUM Scop.

Cirsium vulgare (Savi) Airy-Shaw

Polígono da Escola Prática de Artilharia.

SCOLYMUS L.

Scolymus hispanicus L.

Canafecheira: leito e margens da ribeira de Canha.

TOLPIS Adans.

Tolpis barbata (L.) Gaertn.

Quinta do Pecegueiro pr. Casa de Bragança.
Margens da ribeira de Canha, na Canafecheira.

PICRIS L.

Picris echioides L.

Junto à vinha da Casa de Bragança.

---

(1) MARIZ (*Bol. Soc. Broteriana*, IX, 1.ª sér., 1891, p. 170) cita este exemplar como pertencendo a *Bidens tripartita* L.

LACTUCA L.

Lactuca Serriola L. (1)

Campos das Adegas.

Lactuca Serriola L. var. **integrifolia** Bischoff (1).

Hortas dos empregados da Casa de Bragança, próximo do Polígono da Escola Prática de Artilharia.

Alargue-se a área ao Alto Alentejo.

(1) Sobre a sinonímia desta espécie e variedade *v.* PINTO DA SILVA, *De Flora Lusitana Commentarii*, fasc. IV, 1948, p. 118.

O CONFLITO ENTRE BROTERO E MONTEIRO DA ROCHA

por

A. FERNANDES
Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

CONHECEDOR do interesse que temos manifestado pelo estudo da vida e da obra do eminente botânico FÉLIX DE AVELLAR BROTERO, o Ex.^mo^ Sr. ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAÍL, zeloso Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, teve a gentileza de chamar a nossa atenção para alguns documentos, firmados pelo punho de BROTERO, por ele descobertos durante as pesquisas a que incansàvelmente procede no Estabelecimento em que exerce a sua actividade. Depois de o Ex.^mo^ Sr. Prof. Dr. MÁRIO BRANDÃO, ilustre Director do referido Arquivo e Museu de Arte da Universidade, ter amàvelmente posto à nossa disposição os mencionados documentos, o Ex.^mo^ Sr. A. DA ROCHA MADAÍL teve ainda a bondade de se encarregar da sua leitura — tarefa assaz difícil pelo facto de o mais extenso e importante desses documentos se encontrar bastante deteriorado — e de nos fornecer as correspondentes cópias.

Cumpre-nos, portanto, agradecer, reconhecidamente, aos Ex.^mos^ Srs. Prof. Dr. MÁRIO BRANDÃO e A. DA ROCHA MADAÍL, o valiosíssimo auxílio que nos prestaram, dando-nos o ensejo de podermos elaborar este pequeno artigo. Nele se transcreve uma carta de BROTERO para o Bispo-Conde Reformador-Reitor, D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO, que supomos inédita e que vem lançar mais alguma luz sobre o conflito entre BROTERO e MONTEIRO DA ROCHA, permitindo uma reconstituição mais pormenorizada

dessa questão do que a que nos foi legada por ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA (1).

* * *

Um Jardim Botânico é essencialmente um museu vivo, onde se deve reunir o maior número possível de espécies provenientes das mais diversas regiões do globo. Esse museu destina-se à ministração do ensino geral e especial aos estudantes, bem como a promover a cultura popular. Desta maneira, os estudantes deverão encontrar ali espécimes dos mais variados grupos vegetais, que lhes forneçam o material que necessitam para os seus trabalhos, e o público deverá deparar com elementos (nomes científicos e vulgares, indicações sobre a distribuição geográfica, aplicações, etc.) que insensìvelmente o instruam, tanto no que respeita às plantas de mero interesse científico, como às que possuem importância dos pontos de vista ornamental, alimentício, medicinal ou industrial.

A disposição das plantas não pode ser feita ao acaso, devendo ordenar-se, tanto quanto possível, por ordem sistemática, ao mesmo tempo que se impõe a criação de um ambiente de beleza, que atraia e leve os estudantes e o público a interessar-se pelas maravilhas do reino vegetal. Para este efeito, a floricultura desempenha um papel capital, porquanto é particularmente por seu intermédio que um Jardim Botânico pode adquirir o máximo dos seus encantos, ministrando uma lição de beleza que leva o homem a amar a flor, a planta humilde ou a árvore e o habilita a reconstituir junto do seu lar a lição que os seus sentidos receberam.

Sendo estes os objectivos dos Jardins Botânicos das Universidades, compreende-se que a sua direcção constitua tarefa delicada e extremamente difícil. Com efeito, o Director deverá velar para que as escolas sistemáticas se encontrem sempre convenientemente povoadas e as suas plantas

---

(1) ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA — Apontamentos para a biographia de José Monteiro da Rocha in *O Instituto*, XXXVII (1890), p. 65-98.

devida e rigorosamente etiquetadas; mandar proceder a inúmeros ensaios de cultura de plantas, que é necessário aclimatar, e seguir cuidadosamente as experiências; ordenar e por vezes dirigir a colheita de plantas espontâneas cuja cultura se deve efectuar no Jardim; superintender na organização de colecções de plantas e sementes destinadas aos serviços de permuta com instituições congéneres nacionais e estrangeiras; promover a classificação e etiquetagem dos exemplares cultivados; providenciar no sentido de não faltarem terras e adubos necessários às culturas; zelar para que os viveiros forneçam durante todo o ano as plantas adequadas ao povoamento dos canteiros; fazer todas as diligências para que no Jardim se encontrem as plantas empregadas nos trabalhos laboratoriais; fiscalizar o trabalho dos empregados; tomar medidas para repressão dos abusos do público; etc., etc.

Dada esta diversidade de atribuições, compreende-se a necessidade de uma assistência quase constante do Director, que pouco poderá afastar-se dos serviços que dirige. A conveniência de o Director residir no Jardim impôs-se logo ao governo de D. José I, quando mandou proceder à instalação do Horto Botânico e nomeou seu Director Domingos Vandelli. Esta conclusão extrai-se do Aviso régio de 16 de Julho de 1796, emanado do governo de D. Maria I, que é do teor seguinte:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sñr:

Constando A Sua Magestade, que o Marquez de Pombal, Vizitador e Lugar-Tenente para a Reforma da Universidade, tinha destinado ao Doutor Vandelli para sua habitação humas Cazas, que depois serviram a outros fins, e que no lugar dellas, com Authoridade, e Consenso do Bispo-Conde Reformador, alugou por dezanove Moedas outras, que occupou, iguaes ás em que habitou o Doutor Ciera, e hoje habita o Doutor Barreto, sem que a Universidade lhe contribuisse com a importancia do aluguel, que se lhe tinha segurado, como attesta de facto proprio, e permanente o Bispo-Conde: He Servida ordenar, que fazendo-se a Conta dos ditos alugueres a razão de deza-

nove Moedas por Anno se pague do Cofre da Universidade ao Doutor Vandelli a importancia dos Annos, que habitou as ditas Cazas.

Deus guarde a V. Ex.ª Palacio de Queluz em 16 de Julho de 1796.

Joze de Seabra da Silva»

Este Aviso mostra que o MARQUÊS DE POMBAL tinha reservado para habitação do Director do Jardim uma casa que, devido provàvelmente à falta de instalações para outros serviços, teve de ser utilizada para fins diferentes, e que VANDELLI, com autorização e concordância do Reformador-Reitor, alugou outra pela qual ficou pagando dezanove moedas (91$200 reis) por ano. O Aviso mandava que, pelo cofre da Universidade, se pagasse a VANDELLI a importância da renda da casa correspondente aos anos em que exerceu o lugar de professor em Coimbra.

É provável que o governo de D. MARIA I, ao criar a cadeira de Botânica e Agricultura, tenha pensado na conveniência de o Director residir no próprio Jardim e que, ao nomear BROTERO Lente da referida cadeira, lhe tenha prometido essa morada, ao mesmo tempo que se comprometeria a pagar a renda da casa que ele habitasse, enquanto a residência que projectava se não encontrasse construída.

Parece verosímil que, ou pelo motivo apontado, ou pelo facto de ter tido conhecimento da matéria do Aviso acima transcrito, BROTERO tenha dirigido, em 1801, uma exposição ao Ministro D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, solicitando-lhe o pagamento da renda da casa, tal como se tinha praticado com o seu antecessor. Dadas as amistosas relações existentes entre BROTERO e D. RODRIGO e a elevada consideração que o Ministro tinha pelo eminente botânico (1), o pedido deste foi atendido, pois o Aviso régio de 13 de Novembro de 1801 determina «que em quanto o lente de botanica, doutor Felix do Avellar Bro-

(1) *Vide* AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR — Cartas inéditas de e para Brotero, *Anuário Soc. Broteriana*, X (1944), p. 12-96 e ABÍLIO FERNANDES—Desavenças e desditas de Brotero, *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XIV (1945), p. 51-108.

tero, não tiver casa no jardim botanico se pratique com o sobredito doutor o mesmo que se praticou com o lente seu antecessor na referida cadeira, e que fique esta resolução servindo de regra para seus successores nella, em quanto não tiverem no jardim botanico casa propria e determinada para sua residencia.» (1).

O Bispo-Conde, D. Francisco de Lemos, que pela segunda vez exercia o alto cargo de Reitor, encontrava-se naquela data em Lisboa ocupado em tratar directamente com o governo os negócios da Universidade e, por isso, a administração desta estava confiada ao Vice-Reitor, José Monteiro da Rocha, lente da Faculdade de Matemática, Director do Observatório Astronómico e decano da mesma Faculdade (2).

Em face dos numerosos documentos que deixou (3), infere-se que o eminente matemático era uma pessoa enérgica, disciplinada e disciplinadora, extremamente zelosa

---

(1) *Legislação Academica desde 1855 até 1863* e *Supplemento á legislação anterior* colligida e coordenada pelo Conselheiro José Maria de Abreu. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1863, p. 417-418.

(2) A figura de José Monteiro da Rocha é sobejamente conhecida para que nos detenhamos a falar nela. Numerosas são as biografias do ilustre matemático, entre as quais mencionaremos as seguintes:

Francisco António Martins Bastos — Biographia de José Monteiro da Rocha in *Instrucção Publica*, IV (1858), p. 20-21.

Innocencio Francisco da Silva — *Diccionario Bibliographico Portuguez*, V (1860), p. 75-77.

Francisco de Castro Freire — *Memoria historica da Faculdade de Mathematica nos cem annos decorridos desde a reforma da Universidade em 1772 até o presente*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.

António José Teixeira — Apontamentos para a biographia de José Monteiro da Rocha in *O Instituto*, XXXVII (1890), p. 65-98.

Esteves Ferreira e Guilherme Rodrigues — *Portugal. Diccionario historico, chorographico, biographico, bibliographico, heraldico, numismatico e artistico*, VI (1912), p. 327-329.

F. Gomes Teixeira — Elogio histórico do Doutor José Monteiro da Rocha in *Panegíricos e conferências*. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1925, p. 85-119.

(3) *Vide* particularmente Cartas do Dr. José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho publicadas in *O Instituto*, XXXVI (1889) e XXXVII (1890).

pelos serviços que tinha a seu cargo, muito ciosa das suas prerrogativas e servida por uma vastíssima cultura, aliada a uma inteligência superior, lúcida e fria, com a qual o o coração não interferia. Os seus sentimentos relativamente a BROTERO eram pouco amistosos, provàvelmente pelo facto de o considerar um jacobino, dada a sua fuga para França na companhia de FILINTO ELÍSIO e a sua permanência durante cerca de 12 anos naquele país. Do ponto de vista científico, considerava BROTERO um charlatão, como parece poder deduzir-se da passagem de uma carta para o Bispo-Conde, datada de 6 de Agosto de 1803, em que fala da conveniência de mandar graduados e demonstradores fazer cursos ao estrangeiro: «E assim ficam por uma vez satisfeitas todas estas faculdades, e além d'isso quando se recolherem os cinco viajantes, não poderá cada um mentir tão impune e livremente como Brotero.» (1).

Por seu turno, BROTERO, embora franco e leal, era dotado de um génio violento e de um carácter azedo, exacerbado ainda pela animosidade que sentia pairar à sua volta e pelas intrigas que lhe moviam alguns dos seus colegas. Por outro lado, dado o facto de não dispor de outra fonte de receita além dos seus vencimentos e ter de acorrer ao sustento da família, que se encontrava em más condições financeiras, era extremamente interesseiro, aproveitando todas as oportunidades que se lhe deparavam para aumentar os seus proventos.

Conhecedor de que a sua pretensão relativa ao pagamento da renda da casa tinha tido despacho favorável, BROTERO dirigiu-se a MONTEIRO DA ROCHA, a fim de este ordenar a correspondente execução. Do choque entre estas duas personalidades, uma que zelava avaramente os dinheiros da Universidade e sentia, talvez, um íntimo prazer em contrariar as aspirações de uma pessoa que lhe não era simpática, e outra disposta a defender intransigentemente os seus interesses, resultou uma discussão sobre a forma de interpretar o Aviso régio, que nos é

(1) Cartas do Dr. José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho in *O Instituto*, XXXVII (1890), p. 560.

relatada por BORTERO em uma carta, com a data de 3 de Janeiro de 1802, dirigida ao Bispo-Conde:

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr Bispo Conde

, ha hoje dous dias tenho
vezes de fallar a Joze Monteiro para delle
saber se ja lhe tinha sido expedido por V.^{a} ex.^{a} o Avizo
da Secretaria de Estado pelo qual S. A. R. me manda
pagar a renda de Cazas, Como se practicava com o
meu antecessor, o D.^{or} Vandelli, em q.^{to} Se me naõ fazem
no Jardim botanico; a resposta, q̃ sempre me tem dado
he q̃ tal Avizo ainda lhe naõ chegou: Naõ pude
Contudo hoje conter-me de dizer-lhe q̃ o Bene-
ficiado Manoel Ferreira Velho, me tinha participado q̃
Sabia de Certo q̃ o dicto Avizo, já tinha sido expedido a
V. Ex.^{a}; este dicto se começou a por de mao humor
contra mim, e bordou dando
entender
naõ pag por anno, mas q̃ taõ
somente me deveria
dizendo alem de outras Cousas, q̃ na Sua
indagaçoẽs p.^{a} Saber em q̃ Cazas
e quanto eu tinha pago de renda de
me houvesse de pagar, e o q̃ he mais,
de
t
nda
assistido, e quanto tinha cada anno pago athe aq
cazas, ajuntando q̃ as palavras do Avizo = se
practicaria comigo o q̃ se practicava com o D.^{r} Vandelli =
so queriaõ dizer, q̃ S. A. R. me mandava pagar cazas, e
naõ a mesma quantia, q̃ lhe pagaraõ a elle, e q̃ ao D.^{r} Van-
delli se pagou a dicta quantia por lha ter a Junta da
Fazenda assim arbitrado, em razaõ de assistir em cazas, de
q̃ pagava desenove moedas. Eu naõ pude ainda aqui conter-
-me de responder a taõ errado zelo, e lhe representei q̃
era falso q̃ a Junta da Fazenda tivesse sido arbitra de tal
somma, e q̃ o D.^{r} Vandelli m.^{tos} annos assistio em cazas, q̃
valiaõ mais de desanove moedas de renda, e q̃ se lhe deo

a dicta somma, porq̃ elle assim a pedio e propoz ao Ex-Ministro Jose de Seabra, como humma quantia media e decente; que as cazas q̃ S. A. Real mandava fazer no Jardim naõ seriaõ taõ indecorosas á Universid.e e ao Lente q̃ as habitar, q̃ houvessem de valer de renda menos de desenove moedas, e q̃ sendo assim ficar o meu antecessor e sucessores percebendo ma ctivam.te a cazas, do que eu, a quem todos que se deve verdadeiram.te o essenci e cim.to do Jardim; em fim que as palavras do Avizo = como se practicava com o D.r Vandelli = entendidas bem philologicam.te e sem *sophisma*, queriaõ dizer, q̃ naõ so se me pagaria a renda das cazas, mas taõbem q̃ se me pagaria a mesma somma, que se pagava por anno ao D.r Vendelli, porq̃ alias bastaria dizer, q̃ se me pagasse a renda das cazas, sem fazer mençaõ de q̃ isso seria como se practicava com o meu antecessor. Joze Monteiro naõ tendo q̃ responder a estas reflexoẽs, recorreo a palavra *sophisma*, como refugio de terminar discussoẽs, e me tractou por causa della com hum modo desabrido; donde infiro que elle continuará a lidár para q̃ a ordem generosa de S.A.R. seja interpretada mesquinha e sinistram.te. A palavra honrosa q̃ V.Ex.cia ultim.te me deo de que segundo o Avizo, eu devia perceber desenove moedas annualm.te desde que comecei a servir esta Universid.e, e igualm.te a mesma palavra q̃ o Ex.mo Visconde de Balsemaõ deo ao dicto respeito a pessoas me daõ esperanças favoráveis. Eu ás Sabias e generosas disposiçoẽs de V. Ex.cia.

Fico p.a Servir a V. Ex.cia em tudo o q̃ Se determinar-me.

D.s G.de a preciosa vida de V. Ex.cia por m.tos felices annos p.a bem da Sua Diocese e desta Universid.e.

De V. Ex.cia

M.to reverente, obsequioso e obrigado subdito

Felix Avellar Brotero

Coimbra 3
de Janeiro
de 1802 »

Esta carta dá-nos conta da versão broteriana da discussão, em que ambos os contendores devem provàvelmente ter excedido os limites que lhes eram impostos pelos altos cargos que desempenhavam.

Por seu lado, MONTEIRO DA ROCHA informou também imediatamente o Reitor, sendo de lamentar que não tenha aparecido a carta em que o fez, a qual nos permitiria confrontar a versão broteriana com a dada pelo Vice-Reitor. Tal carta, porém, foi escrita, porquanto existe uma outra, endereçada pelo Bispo-Conde a MONTEIRO DA ROCHA, de onde se infere a existência da primeira. A carta do Reitor é curiosa, pois mostra que D. FRANCISCO DE LEMOS, que trata desprimorosamente BROTERO por *o da Barretina*, nutria por este sentimentos semelhantes aos de MONTEIRO DA ROCHA. Ao mesmo tempo, reconhecia que o eminente botânico tinha bastante valimento na corte. Essa carta, publicada no volume XXXVII (1890), p. 272-273, de *O Instituto*, é do teor seguinte:

«Ill.^{mo} sr. José Monteiro da Rocha, meu amigo e senhor de minha veneração.— Recebi a Provisão para o padre Rossado, que muito estimei pela falta em que se achava de meios para o seu necessario sustento. Estou certo que cumprirá dignamente os seus deveres.

O Aviso que v. s.^{a} remetteu-me, foi para mim novo; mas não me causou admiração por estar continuamente vendo cousas semelhantes. O da *Barretina* achou aqui apoio e chegou a ser proposto para crear uma cadeira de Botanica no Jardim da Ajuda. Creio que se não verificará o projecto; mas o que se prohibe por uma via, concede-se por outra. Não sei como possam curar-se estes, e outros males, que nos affligem.

Deus guarde a v. s.^{a} por muitos annos. — Lisboa, 4 de julho de 1802.— De v. s.^{a} — Mt.^{o} ven.^{or} e obg.^{do} captivo. — *Francisco*, Bispo Conde Reformador Reitor.»

Em carta datada de 8 de Outubro de 1803, dirigida ao Bispo-Conde, MONTEIRO DA ROCHA diz (*v. O Instituto*, XXXVII, 1890, p. 564): «E quem sabe, se a respeito de

Brotero haveria outro (Aviso) semelhante, e que em vez de se me dar a satisfação que pedi, se lhe dessem a elle grandes elogios, e promettesse apoio para todas as falsidades e mentiras, como tomadas por *excesso de zelo*». Esta passagem mostra, como infere ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA (*l. c.*, p. 94), que MONTEIRO DA ROCHA se considerou ofendido nas suas prerrogativas autoritárias e que exigiu que lhe fosse dada satisfação.

BROTERO deve ter comunicado os acontecimentos a D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO e provàvelmente também, quer directa quer indirectamente, ao VISCONDE DE BALSEMÃO. Por esse facto, todas as diligências que D. FRANCISCO DE LEMOS deve ter feito, no sentido de ser dada satisfação a MONTEIRO DA ROCHA, foram anuladas pela poderosa interferência do Ministro D. RODRIGO que, como já tivemos ocasião de referir, considerava BROTERO um professor competentíssimo, que muito honrava Portugal. O certo é que o governo não só não deu satisfação a MONTEIRO DA ROCHA, como também providenciou no sentido de ser dada ao Aviso régio de 13 de Novembro de 1801 a interpretação defendida por BROTERO. Este facto deduz-se de uma procuração passada por BROTERO a JOAQUIM JOZE PINTO, existente no Arquivo e Museu de Arte da Universidade e que reza assim (1):

---

(1) Enquanto viveu em Coimbra, BROTERO teve como procuradores encarregados de lhe receberem os vencimentos JOAQUIM JOSÉ PINTO e JOÃO DOS SANTOS CORRÊA, guarda do Museu de História Natural. Depois de ter sido jubilado e ter fixado residência em Lisboa, os vencimentos continuaram a ser recebidos por JOÃO DOS SANTOS CORRÊA, ao qual sucedeu seu filho, ANTÓNIO CORRÊA DE ARAÚJO, que foi igualmente guarda do Museu. Em 1824, o procurador de BROTERO passou a ser JACQUES ORCEL, como se pode verificar pelo documento abaixo transcrito, encontrado também no Arquivo da Universidade:

> «Pela presente procuraçaõ por mim feita e assignada dou poder ao Sñr Jacques Orcel, mercador livreiro em Coimbra, para receber do Ill.^{mo} Snr Thesoureiro Geral da Administraçaõ e Arrecadaçaõ da Universid.^{e}, ou de quem suas vezes fizer, todos os quarteis do Ordenado, Ajuda de Custo, e propinas, com q̃ fui jubilado pela Carta Regia de S. Magestade, que se me devem, e deverem; p.^{a} Cujo fim Concedo ao Sobre-

«Pela presente dou poder a Joaquim Joze Pinto p.ª receber o meu quartel actual, como taõbem a Soma de nove moedas e meya dos Seis mezes da renda de cazas vencidos.

Coimbra, 1 de Junho de 1806

Felix Avellar Brotero»

Esta procuração mostra que, em 1 de Julho de 1806, já BROTERO estava recebendo regularmente a quantia anual de dezanove moedas para pagamento da renda da casa em que vivia. Desconhecemos, no entanto, a data em que teria recebido a importância correspondente aos anos de 1791 a 1802. Ter-lhe-ia sido abonada ainda durante o período em que MONTEIRO DA ROCHA ocupou o lugar de Vice-Reitor? Ter-lhe-ia sido paga sòmente depois de o eminente matemático ter deixado o referido cargo?

O que é certo, porém, é que, graças à interferência de D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, BROTERO viu realizadas todas as suas aspirações, enquanto que a MONTEIRO DA ROCHA não foi dada qualquer satisfação. É provável que

---

dito meu Procurador todos os poderes em direito necessarios.

Alcolena de Belem, em *24* de Dezembro de *1824*.

Felix de Avellar Brotero

Reconheço a letra e Sinál Supra Ser de Felix Avelár Brotero. Lx.ª 24 de Dezembro de 1824. (Sinal do notário)

O Tab.ão Em test.º de verd.ª

Thomaz Izidoro de S. Frz»

Além da carta para o Bispo-Conde e das procurações transcritas, foi também encontrado no referido Arquivo um outro documento assinado por BROTERO, que corresponde às actuais notas de serviço remetidas pelos Directores dos Estabelecimentos Universitários aos Directores das Faculdades, e que é do teor seguinte:

«Pode-se Satisfazer ao Jardineiro Joze Philippe o Seu quartel actual, naõ (tendo) commettido faltas em contrario.

Coimbra 2 de Julho de 1806

Felix Avellar Brotero»

estes factos tenham exacerbado extraordinàriamente a animosidade do Reitor e do Vice-Reitor para com o Director do Jardim Botânico, compreendendo-se, assim, que D. Francisco de Lemos e Monteiro da Rocha tenham depois procurado atingir Brotero por um outro ponto em que sabiam ser este extremamente sensível.

O plano consistia em contrariar a acção de Brotero como Director do Jardim Botânico, dificultando-lhe, mediante a diminuição das dotações, a execução dos projectos de ampliação e melhoramento que o emérito botânico tinha pensado efectuar no Jardim durante o ano de 1803. Dado o entusiasmo com que estava trabalhando e o interesse que tinha pelos serviços que dirigia, Brotero ficou desolado ao tomar conhecimento da verba que lhe destinavam. No seu desespero, lembrou-se do seu desvelado protector, a quem escreveu, dando-lhe conhecimento do que se passava. D. Rodrigo ficou indignado com a perseguição que estava sendo movida ao sábio que tanto admirava, e essa indignação é bem transparente no Aviso régio de 23 de Abril de 1803, transcrito por António José Teixeira (*l. c.*, p. 94), que diz o seguinte:

« Ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. — Permitta-me v. ex.^{a} que por zelo da gloria de Sua Alteza Real o principe regente, e com licença do mesmo Augusto Senhor, remetta a v. ex.^{a} uma copia da conta, que acabo de receber do habil botanico Brotero; e que me lastime com v. ex.^{a}, que emquanto v. ex.^{a} tem promovido algumas sciencias de um modo tão distincto, a botanica soffra uma tão forte depressão, quando nos é necessaria para fazer prosperar a agricultura; e que seja perseguido o unico, que entre nós merece o nome de botanico, e que gosa fóra de Portugal de uma grande reputação n'esta materia, ainda que o seu merecimento seja computado com alguma excentricidade.

Digne-se v. ex.^{a} meditar sobre este objecto, assim como sobre a frouxidão em que cahem os estudos da Universidade, negligencia dos lentes, e seu total desleixo, de maneira que a Universidade mais séria da Europa, é a que menos produz em todos os ramos das sciencias, e que só

parece destinada a intrigas e a servir de carreira para procurar commodo áquellas pessoas que se dizem homens de letras, sem outro titulo que o dos gráus academicos.

Desculpe v. ex.ª o meu zelo, mas lembre-se que lhe escrevo isto, porque rendo justiça ás suas grandes luzes, ao seu grande desejo de illustrar a nação, e de promover a gloria nacional no adeantamento das sciencias, de que está encarregado pelo augusto principe, que mais deseja promover as luzes e instrucção dos seus ditosos vassallos.

Deus guarde a v. ex.ª — Paço de Queluz, 23 de abril de 1803.— Sr. Bispo Conde, Reformador Reitor. — *D. Rodrigo de Sousa Coutinho.*»

O Reformador-Reitor cometeu a indiscrição de mostrar este Aviso a MONTEIRO DA ROCHA, que, como se deve compreender, sofreu profundo dissabor. O Bispo-Conde oficiou em seguida a D. RODRIGO, aludindo ao desgosto do Vice-Reitor e dizendo que as amargas queixas de BROTERO eram exageradas e sem dúvida consequência de alguma crise de fígado (1).

D. RODRIGO retorquiu a D. FRANCISCO DE LEMOS com um novo Aviso, transcrito também por ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA (*l. c.*, p. 94-95), ainda mais violento que o primeiro:

«Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.— Levando á real presença do Principe Real Nosso Senhor o officio que v. ex.ª me escreveu em data de 18 do corrente, não poude o mesmo Senhor deixar de notar que v. ex.ª não désse a verdadeira intelligencia ao aviso de 23 de abril proximo passado, sendo este o unico motivo do dissabor do dr. José Monteiro da Rocha, em consequencia da vista que v. ex.ª lhe deu do mesmo aviso; quando a mente de Sua Alteza Real não tinha sido outra mais do que dar a v. ex.ª um conhecimento particular, para que d'elle podesse usar com aquella madureza e conselho que tanto distingue as acções de v. ex.ª, e para

(1) A matéria deste ofício é deduzida do Aviso régio de 24 de Maio de 1803, adiante transcrito, visto que não vimos o ofício de D. FRANCISCO DE LEMOS.

fazer os seus particulares exames sobre o objecto de que se tractava. Porém uma vez que chegou á noticia do benemerito e habil vice-reitor o que assim escrevia a v. ex.ª É Sua Alteza Real servido declarar qual foi a sua mente e o sentido do sobredicto aviso; lembrando a v. ex.ª que se o momento de bilis no dr. Brotero poude ter produzido as queixas que formou, parece que se deve relevar em favor do zelo pela sciencia que professa, e que tão distinctamente o faz conhecido dos sabios extrangeiros. Por outra parte conhece v. ex.ª perfeitamente que se a Universidade tem dado e póde esperar-se que dê debaixo do regimen de v. ex.ª, passos uteis para augmento das sciencias, ella não está ainda no ponto que é para desejar; e não convém porisso desanimar professores que a podem honrar, instruindo a nação em sciencias uteis. Nem é certamente consideravel a despeza que em doze annos se tem feito no Jardim Botanico, maiormente attendidas as forças da Universidade.

Talvez é este o logar de eu dever lembrar a v. ex.ª que a mesma Mathematica não tem feito na Universidade os progressos desejaveis, apezar de ter á testa um director e decano tão sabio; pois não ignora v. ex.ª que os estudantes sahem ainda d'alli sem todos os conhecimentos necessarios (por exemplo em principios para as medidas geodesicas tanto technicos como practicos) cuja falta em consequencia os inabilita para as cosmographias a que devem pretender. Sabe v. ex.ª que nas aulas de mathematica se omittem partes muito essenciaes d'esta sciencia, qual o calculo das variações e outras. Sabe v. ex.ª emfim que não se tem cuidado em regular o curso, escolhendo-se compendios convenientes para este mesmo anno de calculo; d'onde nascem verdadeiros obstaculos no adeantamento da sciencia; apezar de ser presidida por um lente tão respeitado, e de haver n'estas mesmas circumstancias produzido homens consummados e muito habeis. E seja-me ainda licito lembrar aqui a v. ex.ª que nem um mestre de desenho para os estudantes mathematicos e philosophos se acha ainda estabelecido na Universidade; o que tudo v. ex.ª remediará mas não deixa de justificar os lentes, quando se excedem, dese-

jando a perfeição que ainda não existe ao gráu que era esperavel.

Eis aqui o que Sua Alteza Real sem approvar algumas das expressões em que Brotero se possa ter excedido, não julga com tudo objecto de satisfação aquillo que chegou indevidamente á noticia do dr. Monteiro. E por tanto ordena o mesmo Senhor que v. ex.ª faça pôr perpetuo silencio n'este negocio.

Deus guarde a v. ex.ª — Paço de Queluz em 24 de maio de 1803. — *D. Rodrigo de Sousa Coutinho.*— Sr. Bispo Conde, Reformador Reitor.»

Em face de um Aviso tão áspero, é de presumir que o Reformador-Reitor quizesse justificar perante o Ministro a diminuição das verbas do Jardim, mostrando-lhe que já se tinha consumido muito dinheiro com esse Estabelecimento e que era necessário pôr cobro a semelhantes despesas, visto os rendimentos da Universidade não comportarem gastos tão elevados. Esta conclusão parece poder inferir-se das seguintes passagens de duas cartas, dirigidas por Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos (1). Assim, na carta de 20 de Agosto de 1803, Monteiro da Rocha diz o seguinte:

«Remetto a v. ex.ª o risco antigo do jardim, já muito mal tractado, e o novo de Brotero. N'este não sómente se pretendia tomar muito terreno para a parte de Sancta Anna, mas tambem a cerca toda dos Marianos.

Parece-me inadmissivel, e ouvi dizer que o sr. principal Castro se recusou á execução d'elle. Basta endireitar por onde vai traçado com lapis, e tomar sómente dos Marianos a parte que tambem vai marcada; e é terreno de sobejo. Veja v. ex.ª a carta do marquez no vol. 1.º da collecção fl. 212.

Brevemente remetterei a v. ex.ª a despeza que se tem feito com este jardim desde o seu principio, e a clareza das rendas da Universidade.».

---

(1) *Vide O Instituto*, XXXVII (1890), p. 561-563, onde essas cartas se encontram publicadas na íntegra.

E na carta imediata de 10 de Setembro, comunica:

«Remetto a v. ex.ª a relação das rendas da Universidade actuaes, e das despezas ordinarias, com o orçamento das extraordinarias, e a outra das despezas até agora feitas com o jardim botanico: ás quaes ajunto a conta de um professor, com que v. ex.ª poderá rir-se em alguma hora vaga, e ter algum allivio no meio dos grandes cuidados, que lhe hão de dar agora mais que nunca os nossos negocios.».

Não sabemos se D. Francisco de Lemos, uma vez na posse destes elementos, fez as diligencias a que aludimos. O que é certo, porém, é que o governo continuou a apoiar Brotero, como é bem posto em evidência pelos incitamentos que dirigiu ao sábio botânico para que desse publicidade à sua *Flora Lusitanica*, o que teve lugar em 1804.

As passagens das cartas de Monteiro da Rocha são deveras curiosas, pois mostram que o insigne matemático continuava a contrariar as aspirações de Brotero, insinuando ao Reitor que o terreno que aquele desejava para o Jardim era de sobejo, dizendo que o Principal Castro se tinha recusado a executar o projecto e chamando a atenção do Bispo-Conde para a bem conhecida carta do Marquês de Pombal, onde este expõe os seus pontos de vista sobre o que deverá ser o Jardim Botânico da Universidade (1). Ao mesmo tempo, marca mesmo a lápis na planta os limites que se deveriam atribuir ao Jardim.

---

(1) A carta a que se alude encontra-se reproduzida em diversas publicações, as quais devem ser pouco acessíveis à maior parte dos leitores. Por este motivo, reproduzimo-la aqui, porquanto essa carta é deveras curiosa e não deixará de ser lida com o maior interesse:

«Ex.mo e rev.mo sr. — Reservei até agora a resposta sobre a planta, que esses professores delinearam para o Jardim Botanico; porque julguei preciso precaver a v. ex.ª mais particularmente sobre esta materia.

Os dictos professores são italianos, e a gente d'esta Nação acostumada a ver deitar para o ar centenas de mil cruzados de Portugal em Roma; e cheia d'este enthusiasmo, julga que tudo o que não é excessivamente custoso, não é digno do nome portuguez ou do seu nome d'elles.

D'aqui veio que, ideando elles n'esta côrte, juncto ao Palacio Real de Nossa Senhora da Ajuda, em pequeno espaço de terra, um jardim de plantas para a

Esta atitude é verdadeiramente extraordinária em um homem que, ao lado de D. Francisco de Lemos, tanto pugnou pela elevação da Universidade de Coimbra e de uma maneira geral pela intensificação de todo o ensino português. Este caso é um exemplo nítido de como os ódios pessoais levam muitas vezes ao cometimento de verdadei-

---

curiosidade, quando eu menos o esperava achei mais de 100:000 cruzados de despeza, tão exorbitante como inutil.

Com esta mesma idêa talharam pelas medidas da sua vasta phantasia o dilatado espaço que se acha descripto na referida planta; o qual vi que, sendo edificado á imitação do pequeno recinto do outro Jardim Botanico, de que acima fallo, absorveria os meios pecuniarios da Universidade antes de concluir-se. Eu porém entendi até agora, e entenderei sempre, que as cousas não são boas por serem muito custosas e magnificas; mas sim e tão sómente, porque são proprias e adequadas para o uso que d'ellas se deve fazer.

Isto, que a razão me dictou, sempre vi practicado, especialmente nos Jardins Botanicos das Universidades de Inglaterra, de Hollanda e de Allemanha, e me consta que o mesmo succede no de Padua; porque nenhum d'elles foi feito com dinheiro portuguez. Todos estes Jardins são reduzidos a um pequeno recinto, cercado de muro com as commodidades indispensaveis para um certo numero de hervas medicinaes e proprias para o uso da faculdade de Medicina; sem que se excedesse d'ellas a comprehender as outras hervas, arbustos, e ainda arvores das diversas partes do mundo, em que se tem derramado a curiosidade, já viciosa e transcendente, dos sequazes de Linneo, que hoje têm arruinado as suas casas para mostrarem o malmequer da Persia, uma assucena da Turquia, e uma geração e propagação de aloes com differentes appellidos que os fazem pomposos.

Debaixo d'estas regulares medidas deve pois v. ex.ª fazer delinear outro plano, reduzido sómente ao numero de hervas medicinaes que são indispensaveis para os exercicios botanicos e neccessarias para se darem aos estudantes as noções precisas para que não ignorem esta parte da medicina, como se está practicando nas outras Universidades acima referidas com bem pouca despeza; deixando-se para outro tempo o que pertence ao luxo botanico, que actualmente grassa em toda a Europa. E para tirar toda a duvida, póde v. ex.ª determinar logo, por uma parte, que Sua Magestade não quer Jardim maior, nem mais sumptuoso que o de Chelsea, na cidade de Londres, que é a mais opulenta cidade da Europa; pela outra parte, que debaixo d'esta idêa se demarque o logar, se faça a planta d'elle com toda a especificação das suas partes, e se calcule por um justo orçamento o que ha de custar o tal Jardim de estudo de rapazes, e não de ostentação de Principes, ou de particulares, d'aquelles extravagantes e opulentos, que estão arruinando grandes casas na cultura de Bredos, Beldroegas e Poejos da India, da China e da Arabia.

Deus guarde a v. ex.ª, etc. — Oeiras, em 5 de Outubro de 1773.— *Marquez de Pombal.*

Ill.mo e ex.mo sr. bispo eleito de Coimbra. »

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO

ros atentados contra o progresso e o bem público, pelo facto de esses ódios poderem toldar a justa visão das coisas mesmo aos espíritos mais esclarecidos.

A passagem da segunda carta, em que fala da conta de um professor, é verdadeiramente ininteligível. Dada, porém, a sua ligação com o assunto do Jardim Botânico, é de supor que se referirá a BROTERO.

Em 1804, depois de ter sido nomeado mestre do Príncipe da Beira, MONTEIRO DA ROCHA instalou-se em Lisboa, onde, como relata ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA (*l. c.*, p. 96), comprou a quinta da Piedade, em S. José de Ribamar. Essa quinta, como refere o anúncio da sua venda publicado na *Revolução de Setembro* de 18 de Agosto de 1875 (*v* ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA, *l. c.*, p. 96), era uma das mais formosas e das melhor situadas dos arredores de Lisboa, e compunha-se de palácio, capela, jardins, pomares, tanques e terras de semeadura. Nesse ambiente de conforto e quietude, continuou MONTEIRO DA ROCHA, particularmente depois da saída da Família Real para o Brasil, a dedicar a sua infatigável actividade aos seus notáveis trabalhos matemáticos, e ali faleceu a 11 de Dezembro de 1819. Dada a proximidade do Convento dos frades capuchos de S. José de Ribamar, aos quais tinha pertencido a quinta da Piedade, é provável que MONTEIRO DA ROCHA tenha sido sepultado naquele Convento.

Durante a última invasão francesa, BROTERO foi obrigado a fugir de Coimbra para Lisboa, abandonando os seus parcos haveres, que foram quase completamente destruídos durante o saque feito na casa em que habitava (1). Uma vez em Lisboa, o governo mandou-o administrar o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, encargo que assumiu imediatamente. Em consequência das dificuldades que Portugal atravessou naquela época, seguiu-se um período difícil na vida de BROTERO, em que o eminente botânico se viu a braços com a miséria, porquanto lhe não pagavam

(1) *Vide* AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR in *Anuário Soc. Broteriana*, X (1944), p. 40.

regularmente nem os seus vencimentos, nem uma pensão de 300$000 réis que D. Maria I lhe tinha estabelecido (1). Estas penosas circunstâncias obrigaram Brotero a dirigir inúmeros requerimentos às instâncias superiores, para o deferimento das quais procurava a interferência de pessoas que o admiravam e que nunca lhe negaram apoio.

No que respeita ao problema da habitação em Lisboa, Brotero não foi mais feliz do que em Coimbra. Efectivamente, quando, em 1810, o governo o encarregou da administração do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, foi-lhe prometido o pagamento da renda da casa que habitasse nas proximidades, enquanto lhe não dessem a que existia no Jardim, que se destinava à residência do Director, mas que estava nessa data ocupada pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. Os anos foram passando e em 1819 ainda Brotero não tinha ido ocupar a casa que lhe tinha sido prometida, nem sequer tinha recebido qualquer importância relativa à renda daquela em que habitava. Nesse ano, o governo resolveu manter na casa do Jardim a viúva de Alexandre Rodrigues Ferreira, ao mesmo tempo que decidiu conceder a Brotero uma pensão para pagamento da que tinha alugado. Os anos decorridos entre 1810 e 1819, porém, não foram pagos. Sendo assim, requereu, em 1820, esse pagamento e pediu ao Conde de Rio Maior para se interessar pela sua pretensão (2), que deve ter sido provàvelmente atendida.

No meio das suas atribulações, Brotero continuou a trabalhar na ordenação do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, bem como na publicação da sua *Phytographia lusitaniae*, a obra prima do exímio botânico.

Decorridos cerca de 9 anos após o falecimento de Monteiro da Rocha, no dia 3 de Agosto de 1828, um cortejo fúnebre, em que poucas pessoas se incorporaram, diri-

(1) *Vide* Balthazar Osório in *Arquivos Univ. Lisboa*, V (1918), p. 87-88.

(2) *Vide* Carta de Brotero para o Conde de Rio Maior, com data de 8 de Julho de 1820, publicada no n.º 1189, de 11 de Novembro de 1866, da *Gazeta de Portugal*, reproduzida no vol. XXXVII (1890), p. 403, de *O Instituto* e no artigo de Balthazar Osório, *l. c.*, p. 86-88.

giu-se de Alcolena de Belém para o Convento de S. José de Ribamar. Esse simples acompanhamento seguia os restos mortais de BROTERO que, a verificar-se a hipótese acima emitida, teria ficado dormindo o sono eterno junto ao insigne matemático. E a morte teria, assim, aproximado estes dois colegas ilustres que tanto se tinham detestado em vida!

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO